

Revista Ave Maria

Ano 124 | Abril 2023

PÁSCOA *solidarista* UMA REALIDADE

REPORTAGEM

Domésticas: a luta continua!

SANTIDADE

O testemunho de vida de Santa Catarina de Sena

CONSULTÓRIO CATÓLICO

Qual a estrutura da Celebração da Vigília Pascal?

Claretiano

A faculdade
que é **mais+**
por você.

+ de 110
polos pelo Brasil



Encontre o polo
mais perto de você

Mais de 30 cursos
de **Graduação.**

Confira, também, os cursos de
2ª Graduação e Pós-graduação.



VESTIBULAR • INSCREVA-SE

claretiano.edu.br

0800 34 41 77 • (16) 3660 1777 Atendimento
via WhatsApp


Claretiano
CENTRO UNIVERSITÁRIO



ELE VIVE, ALELUIA!

São Pedro, destemido, testemunha que Jesus ressuscitou e acusa as autoridades judaicas como responsáveis pela morte do Mestre: “Eles o mataram, suspendendo-o em um madeiro” (At 10,39). Essa mudança se deu após Nosso Senhor ter prometido o Espírito Santo aos discípulos: “Descerá sobre vós o Espírito Santo e vos dará força; e sereis minhas testemunhas (...) até os confins do mundo” (At 1,8).

Nós já somos batizados e recebemos o mesmo Espírito Santo que os apóstolos, mas como seremos testemunhas de Jesus? Bem, poderemos nos apresentar diante dos irmãos como testemunhas da ressurreição se tivermos abandonado as obras da morte espiritual e abraçado a vida nova com Cristo, com outras atitudes: em vez de pagarmos mal com mal, promovermos o diálogo; em vez de cometermos adultério, sermos fiéis; em vez de estarmos ausentes e “fugirmos” dos nossos familiares, estarmos presentes, próximos, interessados nos assuntos dos outros, principalmente das crianças; em vez de termos pressa, termos coragem de gastar o tempo, colocando-nos no lugar do outro, com paciência, acolhendo-o, mesmo que seja para jogar conversa fora. Desse modo, conseguiremos ser testemunhas de Cristo ressuscitado por atos que todos poderão verificar.

São Paulo nos lembra que a *vida nova* completar-se-á somente no Céu, após a morte. Neste mundo, porém, com o auxílio divino, devemos preparar a outra vida com nossos gestos de amor, doando-nos aos irmãos e sentindo-nos felizes quando os pudermos servir, portanto, o apóstolo não quer dizer que não devemos nos interessar pelas coisas deste mundo, mas que não devemos considerá-las como a nossa finalidade principal, pois elas ficarão aqui e nós iremos para junto de Deus um dia, levando conosco as obras boas que, pela graça dele, tivermos praticado.

Os apóstolos, sem dúvida, tristes pela morte do Mestre, permanecem fechados no Cenáculo, com medo dos judeus. Deus, porém, mostrando a mudança social provocada pela ressurreição de seu Filho, serve-se de uma mulher (que era, então, desprezada pela sociedade judaica e cuja palavra não era levada a sério) para anunciar ao mundo que seu Filho muito amado tinha vencido a morte, ressuscitando ao terceiro dia, conforme havia profetizado.

Que neste mês possamos celebrar a Páscoa de Jesus com serenidade de filhos que confiam na ação libertadora e transformadora do Pai, munidos de espírito profético, anunciando a todos os cantos que Ele venceu a morte e vive em nosso meio. Aleluia! ●



Ave Maria

124 anos

Notas Marianas

EM LOUVOR A NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

O dogma da assunção foi proclamado pelo Papa Pio XII, no dia 1º de novembro de 1950, Festa de Todos os Santos, dando origem à devoção a Nossa Senhora da Assunção e à Festa da Assunção de Maria, celebrada a 15 de agosto. Na Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus*, Pio XII definiu o dogma da assunção de Nossa Senhora em corpo e alma ao Céu. O Papa afirmou-o ao escrever “A imaculada Mãe de Deus, a sempre virgem Maria, terminado o curso da vida terrestre foi assumpta em corpo e alma à glória celestial”.

SUMÁRIO

**40****MATÉRIA DE CAPA****6 ESPAÇO DO LEITOR**

VOCAÇÕES NA BÍBLIA

8 ESTER, A INTERCESSORA**10 ACONTECE NA IGREJA**

SANTO DO MÊS

14 SÃO PEDRO CHANEL

MÚSICA SACRA

16 O SILÊNCIO MELODIOSO DE SÃO JOSÉ

REFLEXÃO BÍBLICA

18 O CRUCIFICADO É O RESSUSCITADO (JO 20,1-9)

SALVAÇÃO

20 NA CRUZ ALCANÇAMOS MISERICÓRDIA

PÁSCOA DO SENHOR

22 COMO VIVER A VIJÍLIA PASCAL NA PRÁTICA? O QUE A CONSTITUI E A SUA IMPORTÂNCIA?

SANTIDADE

24 O TESTEMUNHO DE VIDA DE SANTA CATARINA DE SENA

LANÇAMENTO

26 APRENDENDO A SER LIVRE**REPORTAGEM****28 DOMÉSTICAS: A LUTA CONTINUA!****33 LITURGIA DA PALAVRA**

CRÔNICA

38 RESSURREIÇÃO

SANTUÁRIOS BRASILEIROS

46 SANTUÁRIO DO PAI DAS MISERICÓRDIAS EM CACHOEIRA PAULISTA (SP)**48 PALAVRA DO PAPA**

CATEQUESE

50 CATEQUISTAS, PEREGRINOS DA ESPERANÇA

CONSULTÓRIO CATÓLICO

52 QUAL A ESTRUTURA DA CELEBRAÇÃO DA VIJÍLIA PASCAL?

ESPIRITUALIDADE

54 COMO PODE O SER HUMANO ENCONTRAR SENTIDO?

JUVENTUDE

56 "NÃO É FERIADÃO, É SEMANA SANTA!"

SAÚDE

58 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): COMO LIDAR?

RELAÇÕES FAMILIARES

60 A LINGUAGEM DA FÉ E DA CONVERSÃO COMO CAMINHO DE SALVAÇÃO

VIVA MELHOR

62 HÁBITOS QUE ESTIMULAM A MEMÓRIA

EVANGELIZAÇÃO

64 MAIS DO QUE VOLUNTÁRIOS, VOCACIONADOS!**66 SABOR & ARTE NA MESA****Ave Maria****Direção Administrativa**

Rodrigo Godoi Fiorini

Direção Editorial

Luís Erlin (MTB 52736/SP)

Gerência Editorial

Álison Henrique Monte

Editor Assistente

Isaías Silva Pinto

Projeto Gráfico

Rodrigo Henrique da Silva

Diagramação

Fabio Fernando Torrezan

Correspondências

Rua Martim Francisco, 636, São Paulo, SP, 01226-000, revista@avemaria.com.br

AnúnciosThiago Alves, Tel.: (11) 3823-1060
divulgacao.revista@avemaria.com.br**Produção Editorial****Conselho Editorial**Álison Henrique Monte,
Isaías Silva Pinto, Pe. Luís Erlin, Pe.
Rodrigo Fiorini, Sérgio Fernandes, Caio
Vieira, Thiago Alves e Valdeci Toledo.

Revista Ave Maria é uma publicação mensal da Editora Ave-Maria (CNPJ 60.543.279/0002-62), fundada em 28 de maio de 1898, registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 1980-7872, pertencente à Congregação dos Missionários Claretianos.



A Editora Ave-Maria faz parte do Grupo de Editores Claretianos (Claret Publishing Group). Bangalore; Barcelona; Buenos Aires; Chennai; Colombo; Dar es Salaam; Lagos; Macau; Madri; Manila; Owerri; São Paulo; Varsóvia; Yaoundé.

Imagem da capa

zwiebackesser / Adobe Stock

 /revistaavemaria
 @revistaavemaria
 revistaavemaria.com.br

A VIRGEM MARIA NA RESSURREIÇÃO DO SENHOR

♦ Pe. Brás Lorenzetti, cmf ♦

Os cinquenta dias do Tempo Pascal, do dia da ressurreição ao dia de Pentecostes, são considerados como um “grande domingo”, tamanha a sua festa; assim também os oito dias que se seguem à Páscoa são celebrados como se fosse um único dia. A Igreja vive esse tempo de alegria e exultação pela ressurreição do Senhor. O Tempo Pascal é essencialmente cristológico, mas não deixa de ser mariano também pela participação de Maria no mistério pascal de Jesus.

Historicamente, depois de ter agonizado com e experimentado também a morte de Jesus na cruz, depois da expectativa na fé do Sábado Santo, Maria viveu a imensa alegria de saber e ver que Deus Pai confirmara a doação e oferta de toda a vida do seu Filho Jesus, realidade expressa na antífona “Salve, Santa Maria, que dolorosa ao pé da cruz, suportando as dores do teu Filho, agora exultas de gozo sereno!”. Contigo, ó Maria, também nos alegamos e exultamos pela ressurreição.

A liturgia pascal é toda ela um convite à alegria: “Alegra-te, mãe da luz, Jesus, sol de justiça, vencendo as trevas do sepulcro, ilumina o mundo todo!”.

A Igreja propõe um título: a Bem-aventurada Virgem Maria na Ressurreição do Senhor, uma celebração própria para o tempo pascal. A liturgia celebra a ressurreição marcada por intensa alegria.

Deus, nosso Pai, dignou-se a alegrar o mundo com a ressurreição de seu Filho, Jesus. A ressurreição é o dia em que a morte foi vencida. É dia de luz e de explosão de vida. Maria participa plenamente dessa alegria com a plenitude de um coração de mãe.

Mesmo em meio às intensas alegrias da ressurreição, ainda assim Maria precisou acreditar: foi crendo que ela concebeu o Filho e crendo esperou a ressurreição. É crendo que nós esperamos o dia do nosso encontro de vida plena e verdadeira. Na fé e na esperança, Maria caminha à frente de todos



Imagem: Virgem na Igreja paroquial de St. Ulrich em Gröden - Ortisei Val Gardena Itália, pintor Josef Moroder-Lusenber / Wikipedia

que seguem os passos de Jesus. O medo de que tudo termina com a morte foi superado na manhã da ressurreição: nova luz, nova esperança, imensa alegria e grande exultação brotam na manhã radiosa da Páscoa.

Foi a ressurreição que deu à Maria a força necessária para reunir os discípulos dispersos, congregá-los novamente, passar a eles confiança e continuar a missão deixada por Jesus; missão tão grande que só uma mãe teria a energia suficiente para realizar. Maria é considerada modelo de esperança ativa em meio às mais adversas situações da vida. Olhando para ela, vamos caminhando com esperança em direção a um futuro melhor.

“Alegra-te, Virgem Mãe, porque Cristo ressurgiu do sepulcro, aleluia! Alegra-te, povo cristão, porque Maria nos precede e é modelo de fé e perseverança. Amém.” ●

REVISTA AVE MARIA: UMA HISTÓRIA QUE SE RENOVA

Em maio de 1898 nascia aquela que viria a ser um dos principais veículos de comunicação e evangelização católica do Brasil, a *Revista Ave Maria*, um periódico com a missão de propagar a devoção à mãe de Jesus aos brasileiros.

Quais as formas de acessar essa revista católica que conta com conteúdos que edificam a fé, a espiritualidade e a cultura?



Ou então instale nosso aplicativo tanto para iOS quanto Android e tenha sempre a edição atualizada

Pesquise por **Revista Ave Maria** na Apple Store ou na Play Store



INTENÇÕES DE ORAÇÃO



“Pela minha família, pelos meus filhos e, sobretudo, pelos meus netos para que andem no caminho de Jesus.”
(**Maria de Fátima Vieira**)

“Pela minha mãe, que já se encontra idosa, para que se recupere e volte a estar conosco em casa.”
(**Áurea Montes Claros**)

“Pela minha família, para que permaneça unida sempre.”
(**Carlos de Oliveira**)

“Por todos os que participam do grupo de jovens da Paróquia São Sebastião, para que sejam sempre cheios do Espírito Santo!”
(**Giovana Alvarenga**)

QUER GANHAR LIVROS DA EDITOR AVE-MARIA?

Todos os meses sorteamos prêmios em nossas redes sociais. Participe!



QUEREMOS SABER A SUA OPINIÃO

Envie uma mensagem pelo
nosso site ou uma carta para

Rua Martim Francisco, 636, 2º andar, Santa Cecília,
São Paulo, CEP 01226-002

Revista Ave Maria | Abril, 2023 • 7

Um guia completo para percorrer profundamente o Ano Litúrgico!



16x23 . 568 págs

A Liturgia da Palavra comentada é um guia completo para meditação e reflexão das leituras litúrgicas dominicais, com suas especificidades decorrentes da predominância, em cada ciclo, dos Evangelhos de Mateus (Ano A), Marcos (ano B) e Lucas (ano C). A fim de tornar a Palavra de Deus mais compreensível e contextualizada aos dias atuais, o autor elaborou estes comentários que, de forma simples, mas com profunda percepção, dão sentido àquilo que os Textos Sagrados querem nos transmitir.



Garanta já o seu!
À venda nas melhores livrarias
ou em www.avemaria.com.br

Siga-nos nas redes sociais:    

ESTER, A INTERCESSORA

◆ Pe. Nilton César Boni, cmf ◆

O nome bíblico de Ester é Hadassa bat Avihail (em hebraico significa “murta”, uma espécie de planta; outros significados são “estrela” e “escondida”). Era originária da Judeia, da tribo de Benjamim, órfã de estrangeiros e foi criada por seu parente Mardoqueu, que trabalhava na administração do palácio do rei persa. Teve uma infância pobre, difícil, e na juventude foi levada à corte para participar de um concurso para ser a futura esposa do rei. Sua beleza era incomparável, o que determinou a escolha do rei Assuero para desposá-la. Tornou-se, então, rainha da Pérsia, exercendo forte influência no reino.

Ester foi fiel intercessora do seu povo, contribuindo para livrar milhares de condenados à morte assim que descobriu que haveria um dia específico para exterminar todos os judeus residentes na Pérsia. Para falar com o rei sobre esse assunto buscou no jejum e na oração o discernimento espiritual que lhe deram norte para tratar de outros assuntos e determinar o futuro do reino. O mais essencial na trajetória da rainha é que ela não ficou fechada no palácio de braços cruzados, mas se envolveu ativamente nos assuntos referentes a garantir vida para seu povo. Colocou sua vida em risco, guiada por Deus, para promover a paz e a justiça.

O exemplo de vida de Ester mostra aos tementes a Deus que todos podem e devem fazer a diferença no cotidiano. Temos uma força divina que age no íntimo e impulsiona a construir pontes, a vencer o pessimismo e o medo.

Não importa o tamanho das ações e sim o desejo de mudar realidades contrárias aos planos de Deus. O coração da bela rainha era amável, dócil ao Espírito de Deus, confiante e sensível

Para os nossos dias, três são os traços da vocação de Ester: amabilidade, sabedoria e coragem. Um ensinamento precioso que preenche os medos e leva a confiar na bondade do Altíssimo. Todo chamado de Deus é um dom, uma graça especial concedida para contribuir com o sentido da vida e garantir um mundo melhor. Ester compreende que seus semelhantes também são dignos de existir e tem direito à terra. É o povo escolhido, querido e amado por Deus, por isso, não mediu esforços para salvar o sagrado.

As leituras da vida de Ester, contidas no livro com o seu nome, são um estímulo a se aprofundar a Palavra de Deus, confiar nas promessas feitas aos seus antepassados, renovar o coração segundo os mandamentos do Senhor, fixar o olhar na providência que torna leve nossa presença no mundo.

“Minha nação é Israel, que invocou o Senhor e que foi salva; porque o Senhor salvou seu povo e nos livrou de todos esses males. Deus fez prodígios e maravilhas, como não fez semelhantes entre todas as nações.” (Est 10,9) ●

OS DOIS CÁLICES DE CRISTO NA ÚLTIMA CEIA

Entre as centenas de alegados cálices da Última Ceia, dois atraem a atenção dos especialistas em relíquias. Segundo uma nova hipótese – apresentada agora em primeira mão –, ambos podem ter passado pelas mãos de Jesus Cristo no início de sua paixão.

Há mais de cinco anos, o jornal espanhol *El País* publicou uma matéria com o curioso título de “A batalha do Santo Graal: dois cálices reivindicam ser o tesouro perdido de Cristo”. Entre centenas de pretendentes ao cálice da Última Ceia espalhados pelo mundo, duas pretensas relíquias foram destacadas pelo jornalista e não era para menos: ambos os objetos, custodiados na Espanha, carregavam séculos de história e mereciam cuidadosa atenção de qualquer estudioso do tema. Dois anos após a publicação daquela matéria, em um colóquio com professores do departamento de História e Arqueologia da Universidade de Santiago de Compostela, na Espanha, fui confrontado com a questão: “Em sua opinião, qual é o Graal verdadeiro?”.

Naquela época, a minha resposta estava na ponta da língua. O objeto exposto na Catedral de Valência, na Capilla del Santo Cáliz, gozava de maior credibilidade, sem dúvida. Os dois antecessores do Papa Francisco fizeram questão de venerá-lo e de utilizá-lo na celebração da Missa, em 1982 e 2006. Em

2015, o atual Pontífice instituiu o ano jubilar eucarístico do Santo Cálice que, a partir de então, deveria ser celebrado a cada cinco anos. Segundo um estudo detalhado do doutor Antonio Beltrán, apresentado em 1962, havia fortes evidências arqueológicas para sustentar que aquela era a verdadeira relíquia cristã. O artefato confeccionado em ágata cornalina, possivelmente em uma oficina do Oriente Médio (Egito, Síria ou Palestina), poderia ser datado entre os séculos IV a.C. e I d.C., ou seja, havia uma probabilidade razoável de ter estado nas mãos de Cristo na Última Ceia.

A alegada história por trás daquele objeto também era fasci-

nante e corroborava as evidências arqueológicas. Segundo uma larga tradição, aquele cálice teria sido herdado por São Pedro e levado a Roma, onde passaria pelas mãos de seus 23 sucessores. Durante a perseguição de Valeriano, no século III, São Lourenço recebeu uma missão do Papa Sisto II: proteger os tesouros da Igreja. Graças ao diácono e tesoureiro, o santo cálice teria sido mandado secretamente à sua terra natal, a Hispania, e aí teria passado por alguns esconderijos, inspirando lendas, sido remodelado à moda das taças reais medievais e, finalmente, desembarcado na Catedral de Valência na primeira metade do século XV.

Definitivamente, não seria tarefa fácil encontrar um competidor à altura. Em 2014, os autores espanhóis Margarita Torres e José Miguel Ortega abraçaram essa tarefa com o lançamento da obra *Los reyes del Grial*. Com argumentos históricos, a obra alardeava a descoberta do verdadeiro Graal e não era o de Valência. Para os autores, a autêntica relíquia havia se tornado conhecida como cálice de dona Urraca e estava esquecida na Real Colegiada de San Isidoro, em León, Espanha. O sucesso do livro inspirou o documentário *Onyx, los reyes del Grial*, estrelado por Jim Caviezel em 2018, que arrastou multidões para apreciar o



Cálice exposto na Catedral de Valência, na Capilla del Santo Cáliz.

tesouro reencontrado, obrigando seus guardiões à trasladá-lo para uma sala especial. Confeccionado em ônix, esse cálice apresentaria boas evidências a seu favor para ter estado nas mãos de Cristo na Última Ceia? A resposta é sim! Em visita à Terra Santa, peregrinos dos primeiros séculos registraram ali a presença do cálice da Última Ceia. Embora os relatos sejam divergentes em relação ao material e ao formato, um deles, o do peregrino anônimo de Piacenza, chama a atenção. Da Terra Santa, o cálice teria sido carregado ao Egito e de lá seguido para a Espanha, como presente à taifa de Denia pelo apoio durante a fome que assolou a região. Por sua vez, o sultão de Denia enviaria a relíquia como oferta de paz ao rei Fernando I, pai de dona Urraca – daí o apelido do cálice. Os documentos descobertos por Gustavo Turienzo na Biblioteca do Cairo, no Egito, foram apresentados em *Los reyes del Grial* como prova documental incontestável de que o cálice de dona Urraca seria o autêntico cálice da Última Ceia, o verdadeiro Santo Graal.

Nessa seara, vale o ditado “Devagar com o andor que o santo é de barro”. Com conclusões apressadas, a obra espanhola foi rechaçada por Turienzo e por estudiosos do tema como uma peça mais fantasiosa que histórica. Para a pesquisadora Catalina Martín Llores, da Universidade Católica de Valência, na Espanha, a trajetória do cálice da Última Ceia teria sido corretamente apontada na polêmica obra. A relíquia real teria sido trasladada para o Egito e de lá para a Espanha, mas essa relíquia não se tratava do cálice de dona Urraca, e sim do de Valência, que teria chegado às mãos da coroa de Aragão, graças à petição do rei Jaime II, entre 1322 e 1327. Segundo a pesquisadora, a história do cálice da Última Ceia herdado por São

Pedro e enviado à Hispania por São Lourenço não passaria, portanto, de lenda dourada e os relatos dos primeiros peregrinos poderiam ser descartados por patentes divergências entre si.

Volto ao colóquio com os professores na Universidade de Santiago de Compostela. Nos dias de hoje, teria respondido à indagação inicial com outra questão: “E se ambos os cálices tiverem passado pelas mãos de Cristo em sua última ceia com os apóstolos?” No último ano – pouco após minha pesquisa sobre a coroa de espinhos –, passei a me dedicar ao estudo dessa fascinante relíquia. Para tentar entendê-la, é preciso olhar com atenção para a tradição judaica da refeição pascal, o *seder de Pessach*, que contemplava quatro cálices. Como Jesus afirmou, Ele não veio revogar a lei (cf. Mt 5,17), tampouco pretendia simplesmente participar da tradicional ceia pascal. Ele ofereceria, sim, algo novo em sua última refeição com os apóstolos. Em um dos evangelhos, há indícios de que Jesus teria usado mais de um cálice na Última Ceia, bem como o significado de cada um deles. Quando chegou a hora, ele se pôs à mesa com seus apóstolos e disse-lhes: “Desejei ardentemente comer esta Páscoa convosco antes de sofrer; pois eu vos digo que já não a comerei até que ela se cumpra no Reino de Deus”. Então tomando um cálice, deu graças e disse: “Tomai isto e reparti entre vós; pois eu vos digo que doravante não beberei do fruto da videira, até que venha o Reino de Deus” (Lc 22,14-18). E prosseguiu: “E tomou um pão, deu graças, partiu e distribuiu-o a eles, dizendo: ‘Isto é o meu corpo que é dado por vós. Fazei isto em memória de mim’. E, depois de comer, fez o mesmo com o cálice, dizendo: ‘Este cálice é a nova aliança em meu sangue, que é derramado em favor de vós (...)’” (Lc 22,19-20)



ESTANDARTE

Faça um estandarte para o(a) padroeiro(a) da sua comunidade: um jeito diferente e alegre para a sua Igreja e procissão!

Você escolhe o tamanho e a estampa do(a) santo(a) padroeiro(a) e nós fizemos o estandarte para você!

Entre em contato para mais informações:

Leonardo Rodrigo

☎ (31) 98344-4005
✉ lrsds76@gmail.com



Em São Lucas, dois cálices são mencionados. Essa passagem chegou a causar confusão em alguns tradutores e foi editada em versões da Bíblia. Ao menos dois cálices passaram pelas mãos de Jesus com um significado que certamente o evangelista não ignorava. Há uma distinção clara entre o objeto usado na celebração do rito antigo da

iluminar a verdade por trás dessas relíquias. De que maneira os dois maiores pretendentes poderiam se encaixar no episódio bíblico? Uma pista inicial foi trazida à luz na tese de María Mafé García. Para a doutora em História da Arte, o volume do cálice de Valência poderia servir como uma evidência de autenticidade, era a medida usada pelos

judeus, mas haveria ainda outra evidência mais interessante do ponto de vista simbólico: o material. A pedra usada para a confecção do cálice teria sido catalogada na Antiguidade como sárdio, pedra que identificava a tribo de Judá (casa de Davi), da qual Cristo provinha. Para muitos, isso bastaria para encerrar a discussão sobre o cálice verdadeiro. Para mim, ela

de *Los reyes del Grial* tenham acertado ao descrever sua trajetória com base nas descobertas de Turienzo. Aquele cálice, venerado por um peregrino anônimo no século VI, teria sido trasladado para o Egito e de lá para a Espanha. Se a tese da doutora María Mafé García logrou defender a autenticidade do cálice de Valência, evocando como uma das evidências a pedra ágata, poderíamos enxergar o cálice de ônix na Última Ceia com base no simbolismo da pedra?

No Êxodo, há informações detalhadas para a confecção das vestes sacerdotais e há uma instrução específica para o sumo sacerdote carregar os nomes dos filhos de Israel diante do Senhor: “Tomarás duas pedras de ônix e gravarás nelas o nome dos filhos de Israel. Seis nomes em uma e os outros seis na outra, por ordem de nascimento (...). Porás as duas pedras nas ombreiras do efod, como memorial para os filhos de Israel; e Aarão levará os seus nomes sobre os ombros à presença de Iahweh, para memória” (Ex 28,9.12).

Em pedras de ônix foram gravados os nomes dos filhos de Israel, que deram origem às doze tribos do povo escolhido por Deus, do povo com quem o Senhor firmou a primeira aliança. Em São Lucas, a primeira parte da ceia segue o rito tradicional judaico, sem dúvida. O primeiro cálice do seder de Pessach é baseado na promessa divina “Eu sou Iahweh, e vos farei sair de debaixo da carga do Egito” (Ex 6,6). Deus separou um povo, uma nação, para servi-lo. Para esse momento do ritual, parece oportuno que Jesus tenha escolhido uma taça de ônix. Ele seria o sumo sacerdote que carregaria os nomes dos filhos de Israel – originalmente gravados em pedra – à presença do Senhor. A escolha de uma taça de ônix serviu apenas para tornar mais grandioso



Imagem: travelsecretsmag.com

Cálice de dona Urraca na Real Colegiada de San Isidoro, em León, Espanha.

Páscoa judaica e um segundo, escolhido especialmente para selar a nova aliança.

Há algum tempo, como especialista em relíquias, meus olhos se acostumaram a buscar simbolismos ocultos em relíquias cristãs, simbolismos que revelam realidades elevadas e comprovam as verdades já consagradas da fé. Um simbolismo oculto para nós – mas claro para o protagonista – pode ser a chave para desvendar o grande mistério dos cálices da Última Ceia e

aponta para algo mais amplo.

No século VI, o já mencionado peregrino anônimo de Piacenza registrou em detalhes sua viagem à Terra Santa. Na basílica de Constantino, ele esteve diante de um suposto cálice da Última Ceia e nos ofereceu uma valiosa informação sobre a relíquia: “Há também a taça de ônix, a qual nosso Senhor abençoou na Última Ceia, e muitas outras relíquias”. O cálice de ônix corresponderia ao cálice de dona Urraca. Possivelmente, os autores

o que ocorreria na segunda parte, a mais importante.

Após a divisão do pão, o evangelista nos apresenta um segundo cálice, o cálice da bênção ou da salvação – uma referência à promessa divina: “Vos resgatarei com mão estendida” (Ex 6,6). A taça de ágata não foi uma escolha fortuita: era um sinal evidente de que o Salvador já havia chegado de Judá e o seu sangue selaria a nova aliança entre Deus e o povo eleito, uma aliança que se alargaria para abarcar toda

a humanidade. O sumo sacerdote Jesus Cristo já não levaria os nomes à presença de Iahweh, para memória, mas instituiria a celebração eucarística que deveria ser feita em sua memória para nos alçar todos ao Reino dos Céus.

No simbolismo dos dois cálices, a observação de Santo Agostinho se encaixa como uma luva: “O Novo [Testamento] está escondido no Antigo. E o Antigo é desvendado no Novo”. Nos dois cálices escolhidos para a última refeição, Deus nos

mostra o caminho de nossa salvação. Não é possível assegurar que os cálices em León e Valência tenham estado na Última Ceia, mas podemos enxergar ambos nas mãos de Jesus – um de ônix e outro de ágata. Ele teria escolhido, sim, aquelas peças – ou outras bastante similares – como uma história nas entrelinhas, uma história que confirma o mistério sublime de nossa redenção.●

Fonte: Vatican News

A TERCEIRA EDIÇÃO DO MISSAL ROMANO É APROVADA NO BRASIL

Padre Leonardo José de Souza Pinheiro, assessor para a Comissão de Liturgia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e secretário da Comissão Episcopal para os Textos Litúrgicos (CETEL), esteve na Rádio Vaticano em 17 de março de 2023 e compartilhou em primeira mão uma novidade, logo após sair do Dicastério para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos com o documento de aprovação em mãos: depois de dezenove anos foi aprovada a tradução da terceira edição típica do *Missal romano* para o Brasil, fruto de muito trabalho e dedicação de muitos bispos, sacerdotes e leigos especializados, ressaltando que alguns deles já partiram deste mundo, por isso, essa aprovação é motivo de grande alegria.

REVISÃO NA TRADUÇÃO

Em entrevista a Silvonei José, durante a edição do meio-dia do programa brasileiro, Padre Leonardo afirmou que não são propriamente mudanças, ocorreram revisões na tradução. O *Missal romano* é publicado em língua latina na sua versão

oficial e cada país, por meio da conferência episcopal, tem a missão de traduzi-lo para sua própria língua. Há dezenove anos aconteciam esses trabalhos de tradução e em 15 de dezembro de 2022 foi entregue ao dicastério para ser avaliado e aprovado e hoje veio a aprovação.

DEZENOVE ANOS DE TRABALHO

Sobre o longo tempo (dezenove anos) para a revisão, Padre Leonardo disse que “por se tratar de um trabalho de tradução é algo muito sério, pois nesse caso não é como traduzir uma carta ou um e-mail, o que se faz rapidamente. No *Missal romano* está contida a fé da Igreja em oração, portanto, é um trabalho que precisa ser feito por especialistas, por peritos, com muito cuidado, com muita oração, pedindo a assistência do Espírito Santo, pois não é uma tradução qualquer, o resultado dela vai exprimir naquele país, para aquele povo, a fé da Igreja. Foi um trabalho muito meticuloso e a responsabilidade por ele é sempre do episcopado da nação, auxiliado por peritos, por pessoas que têm formação litúrgica, linguística,

assim se faz essa proposta de tradução que vai acontecendo pouco a pouco, avaliada e aprovada pelo episcopado”.

ÚLTIMOS AJUSTES

A respeito dos próximos passos, Padre Leonardo relatou que “serão dados os encaminhamentos finais, revisando o que foi apontado pelo dicastério, que não diz respeito ao conteúdo, mas à forma, inserir as partituras das músicas, e uma vez tendo o texto aprovado podem-se anexar as partituras, ou seja, o texto cantado, e fazer os últimos complementos no que diz respeito à diagramação e às fitas a serem colocadas”.

Em relação à publicação do novo *Missal romano* ainda não há previsão. Existe a possibilidade de que a data seja anunciada durante a assembleia-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, que acontecerá no mês de abril, tanto para a publicação quanto para a obrigatoriedade do uso da nova tradução, levando em conta o tamanho do Brasil e suas realidades tão plurais.●

Fonte: Vatican News

28 DE ABRIL



Imagem: Desconhecido / Wikipedia

SÃO PEDRO CHANEL

MÁRTIR E PATRONO
DA OCEANIA
(1803-1841)

Pedro Chanel nasceu em Cuet, nos arredores de Bourg-en-Bresse, então Diocese de Lyon, na França, aos 12 de julho de 1803, de uma família abastada.

Quando frequentava a escola elementar, chamou a atenção do pároco, que teve um cuidado especial para com ele, pensando em endereçá-lo ao sacerdócio.

Aos 15 anos, Pedro fez a Primeira Comunhão e nesse momento sentiu a vocação missionária. Dois anos depois, entrou para o seminário menor e levou avante seus estudos sem dificuldade. Quando, em 1823, um dos seus professores partiu como missionário para a América do Norte, ele, com outros dois companheiros, queria acompanhá-lo, mas não lhe foi possível porque ainda deveria estudar Filosofia por mais um ano.

Naquele ano, o departamento de Ain foi separado de Lyon e constituiu-se a Diocese de Belley, onde se difundia a fama do santo curador que realizava maravilhas em Ars, uma das pequenas paróquias da nova diocese. Pedro, ao terminar os estudos de Teologia no seminário maior de Bourg, foi ordenado sacerdote aos 15 de julho de 1827 e logo em seguida pediu ao seu bispo para deixá-lo partir para as missões. Este lhe respondeu que a nova diocese era tão pobre de clero e tão necessitada de evangelizadores que ele podia muito bem se exercitar sendo missionário em sua própria terra, ao menos por ora.

SEU CORAÇÃO ESTAVA NAS MISSÕES

Desenvolveu, então, sua atividade pastoral na diocese como vigário e depois como pároco, suscitando entre os leigos o espírito missio-

nário em plena sintonia com o Papa, que em 1829 oficialmente recomendava a todos os católicos que colaborassem com a propagação da fé. Nesse mesmo tempo, Pedro continuava a cultivar a ideia de poder um dia partir para as missões.

Nesse ínterim, juntava-se um grupo de sacerdotes diocesanos dispostos a partir para as missões e se empenhavam mais profundamente na prática da pobreza, da castidade e da obediência. Chamavam-se Sociedade de Maria ou maristas e constituíam uma associação diocesana com um responsável escolhido pelo bispo. O criador da sociedade era o sacerdote João Cláudio Colin, que simultaneamente fundava também as irmãs maristas.

No verão de 1833, o fundador foi a Roma para pedir a aprovação pontifícia do novo instituto e para colocá-lo à disposição da Santa Sé para as missões. A aprovação foi dada e a nova congregação foi indicada como terra de missão a Polinésia. Pedro Chanel, que acompanhava Colin, foi logo inscrito na lista do primeiro grupo que partiria.

Retornados a Belley, os maristas se reuniram em capítulo e no dia 24 de setembro de 1836 elegeram Colin seu superior-geral, fazendo votos em suas mãos. Eram dezenove, entre sacerdotes e irmãos leigos. No fim daquele mesmo ano, o primeiro grupo, com Padre Pompallier como vigário apostólico e Padre Pedro como pró-vigário, partia para a Polinésia. Depois de uma viagem cheia de aventuras, que os obrigou a mudar continua-

mente o programa, acabaram-se dividindo em dois grupos: Padre Pompallier com outros ficou na ilha de Wallis e Padre Pedro e Irmão Maria Nicézio, no dia 12 de novembro, desembarcaram na ilha de Futuna.

OS ANOS DIFÍCEIS NA ILHA DE FUTUNA

Eles ficaram admirados com a beleza natural da ilha, dividida em duas partes por uma montanha que tinha separado geograficamente duas tribos rivais. O cristianismo até então não tinha chegado lá, mas na ilha já se havia estabelecido um comerciante inglês que, por seus interesses particulares, alimentava a luta entre as duas tribos. Apenas três meses depois que eles chegaram, estourou uma verdadeira guerra entre elas. O rei da tribo mais forte, Niuliki, não querendo que os missionários permanecessem no território de seus adversários, obrigou-os a vir habitar primeiro a sua casa e depois em uma habitação próxima, exercendo forte controle sobre eles.



Foram anos difíceis, seja pelas dificuldades que encontravam junto aos chefes, seja também porque não conseguiam falar bem a língua indígena. Em compensação, sua bondade, seu espírito de serviço, sobretudo com os doentes, e a própria liturgia exerciam forte atração sobre o ânimo popular e de modo particular sobre a juventude. Em fevereiro de 1839, um ciclone arrasou a ilha com enormes danos e obrigou as duas tribos a uma trégua, o que permitiu aos missionários uma maior liberdade de movimento. Da ilha de Wellis veio para ajudar outro padre e Pedro, que então já conseguia se comunicar melhor na língua do lugar, fez algumas pregações e conseguiu as primeiras conversões.

Infelizmente, a trégua durou pouco. O padre que tinha vindo para ajudar partiu para Wellis; em Futuna, a tribo tradicionalmente mais forte, com a batalha final de 10 de agosto de 1839, desencadeou uma terrível carnificina contra a tribo mais fraca. Embora os missionários estivessem sempre sob o controle dos vencedores e contra eles não houvesse nenhuma acusação de traição, sua vida foi se tornando cada vez mais difícil.

Os chefes, festejando a vitória, atribuíram-na aos seus deuses e, querendo restaurar os antigos usos tribais, viam nos missionários adversários perigosos e portadores, segundo eles, de novidades exóticas que suscitavam a inveja dos antigos deuses da região.●

O Silêncio melodioso de São José

♦ Ricardo Abrahão ♦

A música católica é em sua origem a expressão do silêncio de Deus. Sem amorosa compreensão sobre ele, a ação do Espírito Santo encontra dificuldades para ser bem entendida.

Os sons encantam a vida e o coração. O maior trabalho do cristão consiste em conquistar um coração puro e ser manso e humilde como Jesus, exatamente onde reside o ponto central da expressão: música do coração! No entanto, há muita confusão sobre o tema. Cantar a liturgia com o coração não é colocar para fora nossas emoções particulares, muitas vezes fundamentadas em ilusões, vaidades e afetos narcisistas, não! Cantar a liturgia é estar despojado de si mesmo e mergulhado no silêncio de Deus.

A liturgia garante a escola da Eucaristia na celebração e no coração e, como exorta o Papa Bento XVI na Exortação Apostólica *Sacramentum Caritatis*, “a melhor catequese é a liturgia bem celebrada”. Alguns sons levam ao vazio e alguns silêncios à iluminação. O silêncio de Deus é a plenitude do Espírito Santo. São João da Cruz resume a voz do Pai em uma única palavra: “Uma palavra disse o Pai, que

foi seu Filho; e di-la sempre no eterno silêncio e em silêncio ela há de ser ouvida pela alma.”



O silêncio de São José é a referência sonora a todo músico católico. Quem se empenha em acolher de todo o coração o exemplo de São José não encontrará dificuldade alguma em entender e amar o silêncio de Deus e cantará o *Magnificat* mergulhado no entendimento de Maria Santíssima



São José escutou e abraçou o coração de Maria fazendo do lar de Nazaré verdadeira harmonia do coro dos anjos. Quanto se defende entre ideologias e conceitos o valor da família. Quanto barulho! Bastaria aprender a ser pai e esposo como São José e transformar o lar em ressonância de paz, o que serve também aos sacerdotes e superiores religiosos,

muitas vezes tão ruidosos e sem o espírito de oração; pouco ou nada aprenderam do silêncio de Deus. Para ser pai e mãe suficientemente bons é preciso aprender com São José e Maria Santíssima. É necessário silêncio, silêncio interior. Silenciar afetos egoístas.

Se um lar deseja ser cristão, necessita escutar com sabedoria. Só Deus sabe o que é melhor aos filhos em um lar e aos fiéis na Igreja. A criatura não está aqui para fazer a vontade da criatura e sim a vontade de Deus. É preciso promover a escuta do silêncio de Deus para que o Espírito Santo atue na vida de cada um. Pais, sacerdotes e superiores devem tomar o máximo cuidado com a língua e com a voz proveniente do egoísmo. O Espírito Santo não atua no coração ensurdecido.

São José conduziu a Sagrada Família e zelou pela mãe e pelo Filho nas pautas da partitura de Deus. Seja ele nosso regente, o arranjador da nossa música interior e a escola de harmonia sagrada rumo ao silêncio de Deus! Cante seu hino em nossos corações: “*Te, Ioseph, celebrent agmina caelium, te cuncti resonent Christidum chori, qui, clarus meritis, iunctus es inclitae, casto foedere Virgini*”. ●

O CRUCIFICADO É O *ressuscitado* (JO 20,1-9)

♦ Pe. Antônio Ferreira, cmf ♦



Maria Madalena está apreensiva e procura Jesus. É presente uma grande tristeza por sua ausência. Coloca-se a caminho para onde julga que Ele ainda está. Ela foi a primeira testemunha da ressurreição.

O Evangelho de João, por meio da visita dos dois discípulos ao sepulcro vazio e da aparição à Maria Madalena, busca comunicar aos leitores o significado da fé na ressurreição.

Os apóstolos anunciam uma ressurreição muito específica: a do homem chamado Jesus, que as autoridades civis e religiosas rejeitaram, pois diziam ser blasfemo, e o condenaram. Quando Jesus foi atacado pelas autoridades, Ele se viu sozinho. Seus discípulos o abandonaram e até mesmo Deus ficou em silêncio. Com sua morte na cruz, tudo pareceu acabar. Seus discípulos se dispersaram e o queriam esquecer, mas algo aconteceu. Uma nova e poderosa experiência se impôs a eles: sentiram que Ele estava vivo. Foram invadidos por uma estranha certeza: que Deus se levantou por Jesus. Jesus está vivo, a morte não conseguiu vencê-lo! Deus o ressuscitou, colocou-o à sua direita, confirmando a verdade e o valor de sua vida, de sua palavra, de sua causa: o Reino de Deus. Jesus estava certo e aqueles que o expulsaram deste mundo, não. Deus está do lado de Jesus, Deus apoia a causa dos crucificados.



**O Crucificado vive! Ele ressuscitou!
Foi isso que realmente irritou as
autoridades religiosas. Jesus irritou-
as quando estava vivo e ainda mais
quando ressuscitou dos mortos**



Para as autoridades, o que tanto as irritava não era o fato de uma ressurreição, quer o ser humano estivesse vivo ou morto. O que não podiam tolerar era que aquele ser humano específico, Jesus de Nazaré, cuja causa (seu projeto, sua Boa-Nova) eles haviam considerado tão perigosa e acreditavam que tudo terminara ao crucificá-lo, Ele novamente se levantaria. Não podiam aceitar que Deus mostrasse seu rosto para aquele crucificado condenado e excomungado. Era impossível para elas que Deus se manifestasse em favor de Jesus e de sua causa. Acreditavam em outro deus, não naquele em que

os discípulos de Jesus acreditavam. A ressurreição é a luz para entender as Escrituras. Nos outros evangelhos são mencionadas várias mulheres junto ao túmulo. Em João, apenas Maria Madalena é mencionada. Ela teve a coragem de ficar com Jesus até a hora de sua morte na cruz (cf. Jo 19,25). Ela anuncia que encontrara a pedra do túmulo removida, então, Pedro e o discípulo amado vão ao túmulo. O Evangelho narra algo um tanto estranho: o “outro discípulo (discípulo amado)” correu mais rápido que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro, mas não entrou. Pedro entrou e viu os panos postos no chão. Então o discípulo amado entrou e o Evangelho diz que ele viu e acreditou, mas não nos diz nada sobre a reação de Pedro, que entrou primeiro no túmulo vazio.

Por fim, o Evangelho acrescenta esta frase: “Eles ainda não haviam entendido a Escritura, segundo a qual Jesus devia ressuscitar dos mortos” (Jo 20,9). Isso significa que a luz para compreender o verdadeiro sentido do Antigo Testamento está na ressurreição de Jesus: Ele viu e acreditou. O sepulcro vazio foi para ele, e só para ele, um “sinal”. A experiência da ressurreição foi como uma luz que entrou nos olhos dos discípulos e das discípulas e lhes revelou o sentido pleno e completo do Antigo Testamento. As palavras e os gestos de Jesus ao longo da sua vida, a imagem do Pai que nos transmitiu, o seu projeto do Reino de Deus, nascidos da sua experiência de Filho amado e ressuscitado pelo Pai, mudaram todo o sentido do Antigo Testamento (cf. Mt 5,17-18). O próprio Deus, que às vezes parecia tão distante e severo antes, assumiu as feições de um bom pai, cheio de ternura.

Ao descrever a paixão e a morte de Jesus, o Evangelho de João não põe a força na condenação de alguém que é contra o que o poder político faz, mas na hora da glorificação do Filho de Deus. Ao longo de todo o processo que o leva à morte, Jesus controla os acontecimentos, tanto os seus como os dos seus adversários. Para João, a cruz é sinônimo de “elevação”, subida ao alto, para estar junto ao Pai (cf Jo 3,14; 8,28; 12,32-34). É o início da ressurreição que se manifestará plenamente no primeiro dia da semana (cf. Jo 20,1). Por isso, no Evangelho de João, não há agonia no Horto (cf. Jo 18,1-2); Na prisão, os soldados ficam aterrorizados quando Jesus afirma “Eu sou!” (Jo 18,6).

Aleluia! Jesus ressuscitou! ●

NA CRUZ
ALCANÇAMOS

◆ Maria Cristina de Souza * ◆

Aprendemos na catequese que a cruz é o sinal do cristão; de fato, ela é o sinal da nossa salvação. Contemplar a cruz de Cristo é mais que um gesto devocional, é contemplar a beleza e a fonte de cura que existe nas chagas do Senhor, como diz o profeta Isaías: “Por suas chagas fomos curados” (Is 53,5).

Deus, que revela o seu rosto na pessoa de seu Filho, Jesus, enviou-o para nos salvar. Ele, que se fez carne, humilhou-se para a salvação da humanidade.

“Assim como Moisés ergueu a serpente no deserto, assim é necessário que o Filho do Homem seja erguido do alto, a fim de que todo que nele crê tenha a vida eterna” (Jo 3,14-15): Jesus, que é Senhor do tempo e da história, faz vida em nossas vidas, quer nos alimentar com seu corpo e com seu sangue.

Ainda na sequência do Evangelho de João, vemos que Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho unigênito, a fim de que todo que nele crê não se perca, mas tenha a vida eterna (cf. Jo 3,16); essa é uma questão de fé. Ele entra em nossa história para fazer **comunhão conosco**,

mas qual o ponto de partida para essa relação de comunhão? Pela graça do Sacramento do Batismo somos introduzidos nesse mistério de comunhão e como filhos amados do Pai que somos, estabelecemos essa comunhão, portanto, Deus nos dá a liberdade para querer estar ou não ligados ao seu amor e à sua misericórdia.

Na história do povo de Deus a iniciativa foi sempre dele, que vem ao nosso encontro, a fim de nos esperar e enxergar o que muitas vezes não vemos e não percebemos, que somos um povo eleito

Deus sempre dá sinais de sua presença em meio aos homens. Se você tem alguma dúvida de que Deus é amor, que Ele percorre a sua história, olhe para Nossa Senhora, que é a mãe do belo Amor, a mãe de misericórdia. Maria soube viver a vontade de Deus por meio do seu filho, que mudou o curso da humanidade.

Maria cantou as misericórdias
de Deus por meio do *Magnificat*.

Como podemos alcançar a misericórdia do Senhor a partir de sua entrega à cruz? Ter a clareza de nossa identidade, de que somos filhos de Deus, de que Ele nos ama, mas para acolher esse amor existe uma necessidade inerente ao ser humano, que é voltar-se para Deus, deixando a vida de pecado, vivendo uma vida nova, testemunhando as maravilhas que o Senhor realizou e por que não cantar as suas misericórdias?

Olhar para a cruz de Cristo como sinal da nossa salvação; de fato, a entrega de Cristo Jesus é mistério da fé, como nos aponta a liturgia da Igreja. Acreditar que muito tempo já se passou e que o sacrifício da cruz se atualiza a cada celebração eucarística, move-nos a uma esfera de vida eterna. Como peregrinos que somos estamos a caminho e o convite é sempre o de retorno para o nosso Criador, a cada instante, com a sua graça e a sua bênção. Basta olhar para os feitos do Senhor em nossas vidas, o fato de estarmos vivo, de ter família, casa, profissão, tudo é dom e bondade de Deus. Reconhecer a ação divina

em nossa vida já é uma atitude de retorno, como nos ensina a parábola do filho pródigo, que tomou consciência da condição em que estava e se lembrou de que ele tinha uma filiação, tinha um bom pai que havia deixado para viver as aventuras que o mundo lhe oferecia. Acredito que o filho pródigo gastou mais tem-

po buscando outras referências para sua vida de ilusão do que usufruindo do que ele já tinha em casa, que era o amor do pai e sua filiação. Quantas vezes nos portamos como o filho pródigo e Deus, que é um pai que não se cansa em nos esperar, vem sempre ao nosso encontro.

Fazer a experiência do retorno, de voltar para o amor do Pai é deixar Deus ser Deus em nossas vidas, é adentrar o mistério da comunhão. Pela força da redenção nos tornamos portadores da

graça e da misericórdia de Deus; eis a nossa missão de batizados, testemunhar as maravilhas que o Senhor realizou em nossas vidas pela ação do Espírito Santo.

Nessa relação com a cruz de Cristo, que é o sinal de todo cristão, alcançamos misericórdia; é uma relação de puro amor, por isso, não se distancie da cruz de Cristo, nela temos o remédio para curar as nossas feridas.

Jesus, que é um evento na história da humanidade, transformou a cruz em altar do sacrifício, encarnou no seio da Virgem Maria e veio para se entregar. “Eis o Homem”, assim foi apresentado e se entregou assumindo todas as consequências por amor a cada um de nós.

Gostaria de concluir esta partilha com um trecho do livro *A Cruz: imagem do ser humano redimido*, de Anselm Grün, página 31: “Antes de poder explicar a outras pessoas o que significa a representação da crucificação, precisamos prestar contas a nós mesmos, perguntando-nos se entendemos realmente meras representações do sofrimento, mas sempre imagens de superação de todo sofrimento, imagens que querem levar luz para nossas trevas, confiança para nossos medos e alegria para nossas tristezas. Cantamos numa antífona da Sexta-feira Santa: ‘Pois pelo madeiro da cruz veio alegria ao mundo inteiro’”. ●

Maria Cristina de Souza
é missionária consagrada da
Comunidade Canção Nova.

COMO VIVER A VIGÍLIA PASCAL NA PRÁTICA?

O QUE A CONSTITUI E SUA IMPORTÂNCIA?

♦ Rosa Maria Dilelli Cruvinel* ♦

Na noite em que nosso Senhor Jesus Cristo passou da morte à vida, a Igreja convida os seus filhos a se reunirem em vigília e oração (cf. Missal romano). A vigília do Sábado Santo é considerada “a mãe de todas as santas vigílias” (Santo Agostinho, Sermão 219: PL 38, 1088. 1). Faz parte do Tríduo Pascal (Quinta-feira Santa, Sexta-feira da Paixão e Sábado Santo ou Sábado da Aleluia). Essa noite é “uma vigília em honra do Senhor” (Ex 12,42). A palavra “vigília” significa passar uma noite velando; nela a Igreja permanece em vigília, à espera da ressurreição do Senhor. Essa celebração está no centro do ano litúrgico, representa o *Totum pasquale sacramentum*. De fato, além dos fatos da ressurreição são celebrados também os da paixão de Cristo. O rito da Missa é constituído de quatro partes: a liturgia da luz, da Palavra, a batismal e a eucarística.

A importância da Vigília Pascal, celebração da ressurreição de Nosso Senhor, é exposta no Catecismo da Igre-



Imagem: Hugo Gonzalez / Catholic

Revista Ave Maria | Abril, 2023 • 23

◆ Lino Rampazzo* ◆



Imagem: Santa Catarina em uma pintura do século XVII - Ba (dassare Franceschin / Wikipedia



DOMÉSTICAS: A LUTA CONTINUA!

MESMO APÓS CINQUENTA
ANOS DA APROVAÇÃO DA LEI
Nº 5.859, TRABALHADORAS
DOMÉSTICAS CONTINUAM
NA LUTA POR SEUS
DIREITOS

♦ Nayá Fernandes ♦

A história de Luiza Batista Pereira, 66 anos, trabalhadora doméstica, mulher negra e mãe solo, é semelhante à de muitas mulheres que, desde cedo, deixam suas casas e até mesmo suas famílias para cuidar da casa e da família de outras pessoas.

No dia 27 de abril, a categoria profissional dos trabalhadores domésticos é comemorada em todo o mundo, data escolhida em homenagem a Santa Zita, considerada a padroeira das(os) trabalhadoras(es) domésticas(os).

A Lei nº 5.859, que regulamenta a profissão, é de 11 de dezembro de 1972. No entanto, mesmo com o avanço da legislação ao longo dos anos, as condições de trabalho da categoria continuam precárias e não são raros os casos de pessoas vivendo de forma análoga à escravidão em casas de famílias.

Em julho de 2022, por exemplo, o Brasil teve seis resgates de mulheres sendo submetidas a trabalho análogo à escravidão doméstica. Casos como o da idosa que passou 32 anos nessas condições, em Minas Gerais, e de outra que foi mantida encarcerada por 72 anos, no Rio de Janeiro. Em entrevista à reportagem, Luiza, que hoje é coordenadora geral da Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas (Fenatrad), salientou que esse trabalho ainda é considerado por muitos como inferior, que em muitos casos nem merece ser remunerado.



Imagem: Arquivo Pessoal

Luiza Batista Pereira.

Calcula-se que há cerca de 7 milhões de domésticas no Brasil, o maior número do mundo. De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), o trabalho doméstico no Brasil é exercido principalmente por mulheres, negras, acima de 40 anos, sem registro e com remuneração média inferior a um salário mínimo.

A HISTÓRIA SE REPETE

Santa Zita nasceu em 1218, na cidade de Lucca, na Itália, e trabalhou durante muitas décadas, desde os seus 12 anos de idade, para uma família italiana. Ficou conhecida por sua generosidade com os pobres, sendo que tirava sempre o seu pouco dinheiro para oferecer àqueles que batiam à porta da família para a qual trabalhava.

Também aos 12 anos, Luiza conseguiu trabalho na casa de uma senhora cuja filha era professora e só então ela começou a estudar. Trabalhava pela manhã e estudava à tarde, até que a senhora faleceu e ela teve que sair da escola. Porém, o trabalho doméstico começou bem antes. Aos 9 anos, quando a mãe ficou viúva, ela saiu junto com seus irmãos, da zona rural em que a família estava, para morar em palafitas, no Recife (PE).

“Meu primeiro trabalho foi na casa de uma das coordenadoras de um projeto que doava alimentos para pessoas em situação de vulnerabilidade. Ela disse que precisava de alguém para brincar com a filha, de 5 anos, e minha mãe permitiu que eu fosse, mas, na verdade, eu fazia muito mais que brincar com filha. Aos 9 anos eu limpava o jardim, passava cera em toda a casa e fazia outras coisas. Saí de lá porque acabei dando um tapa na menina, pois fui mordida por ela e a mãe, então, me deu uma surra com fio de ferro. Quando minha mãe foi buscar a cesta de alimentos que era o meu pagamento pelo trabalho, ela viu minha situação e me levou com ela de volta para a palafita”, contou Luiza.

Adolescente, ela passou por outras casas até que, com quase 18 anos, ficou doente de tuberculose e precisou deixar por um tempo o trabalho: “Cheguei a trabalhar como cobradora de ônibus, mas sofri um acidente e descobri que, mesmo com a carteira assinada, os empregadores não estavam pagando minha previdência no Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) e então decidi que, a partir dali, eu só trabalharia com a carteira assinada”.

E assim aconteceu, Luiza ficou por 26 anos na casa de uma senhora: “Eu cuidava da casa e das crianças.

Aos 36 anos, descobri que estava com câncer de mama e fiz todo o tratamento na casa dessa família. O direito previdenciário garantiu o benefício de aposentadoria por invalidez depois que tive câncer na outra mama. Na época, eu me reuni com outras mulheres de vários bairros e conseguimos direito por moradia”.

Foi durante esse período que ela fundou, junto a outras mulheres, o Espaço Mulher e conheceu o Sindicato das Trabalhadoras Domésticas. “Voltei a estudar e comecei a participar das atividades do sindicato. Em 2009 fui eleita presidente das trabalhadoras domésticas de Pernambuco. Em 2016, durante o 9º Congresso Nacional das Trabalhadoras Domésticas, fui eleita presidente da Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas”, contou.

Junto à federação, ela continua na luta por direitos como, por exemplo, da regulamentação das diaristas que trabalham de forma autônoma, sem nenhum tipo de legislação que as ampara. “Temos a convenção 189 da Organização Internacional do Trabalho, que garante os direitos das diaristas, mas a Lei Complementar nº 150 só garante o vínculo empregatício a partir de três dias semanais na mesma residência. Vemos isso como discriminação, pois outras categorias têm o direito mesmo se for um único dia trabalhado, como professores ou profissionais da saúde. Fomos a categoria que demorou mais tempo para conseguir direitos. Sabemos que se somam muitas questões, como a racial, então, a luta continua”, ressaltou Luiza.

MULHERES NA LUTA

Teresa, Fábيا, Elaine e Ana Paula têm algo em comum. Todas começaram a trabalhar muito cedo e concordam que é preciso avançar quando o tema é respeito às trabalhadoras domésticas no Brasil.

Teresa Rodrigues da Silva, 55, nasceu em São Bernardo do Campo (SP) e hoje mora em Diadema.

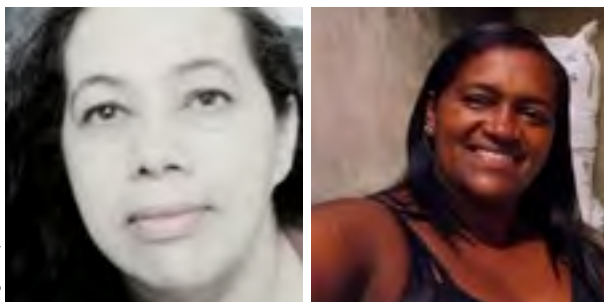


Imagem: Arquivo Pessoal

Teresa Rodrigues da Silva e Elaine Cristina da Silva.

“Comecei a trabalhar aos 10 anos de idade, então são mais de 40 anos de trabalho. Atualmente estou aposentada, mas continuo atuando de forma autônoma”, disse.

Ela contou que passou por muitas situações nas quais seus patrões disseram coisas ou agiram de forma em que ela se sentiu ofendida e constrangida: “Existe muita discriminação na relação entre chefe e funcionário e, embora tenhamos conquistado muitos direitos, ainda há muito o que conquistar”.

Elaine Cristina da Silva, 41, mora no Recife e trabalhou durante dezesseis anos em “casa de família”, como ela mesmo disse. “Hoje vendo bolo. Trabalho para mim mesma. Muitas coisas aconteceram comigo durante esse tempo. Trabalhei em uma casa em que a patroa não deixava eu me alimentar, então fiquei doente e precisei ficar em casa. Durante esse período, só não passei necessidade devido à ajuda da minha mãe e de amigas”, disse. Na época, Elaine não tinha carteira assinada e vê os direitos conquistados pela categoria como um avanço: “Eu sei que existem leis que, graças a Deus, têm melhorado a vida das empregadas domésticas, mas acho que o direito deveria ser para todas e não apenas para algumas”.

Fábيا Cristina dos Santos Macedo, 50, nasceu em Maceió (AL), mas mora em São Paulo (SP). “Comecei a trabalhar aos 12 anos. Aos 13 fui violentada pelo filho da minha patroa. Foi um momento muito difícil e eu não gosto de falar sobre e nem de me lembrar, mas, infelizmente, tive que continuar trabalhando. Hoje temos mais direitos, como férias e décimo terceiro e isso é muito importante. Na minha opinião, mesmo com a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) das Empregadas Domésticas, há muitas patroas que não querem registrar as empregadas. Uma amiga aceitou ficar sem registro na carteira porque a patroa disse que o salário dela iria diminuir. Isso acontece porque não há fiscalização para verificar se o patrão ou a patroa estão cumprindo a lei”, disse ela.

Enquanto esperavam o ônibus no ponto, Fábيا começou a falar sobre os direitos para a amiga e perguntou a ela o que faria se se machucasse no trabalho. “Se você precisar se afastar pelo Instituto Nacional do Seguro Social, por um acidente de trabalho, como vai fazer? Sua patroa vai esperar você? Com a carteira registrada, se você tiver um acidente de trabalho, durante um ano ela não pode te demitir. Sem o registro na carteira, você não tem nenhum direito”, Fábيا disse

e então sua amiga resolveu conversar com a patroa, que negou o registro, alegando que ia ficar muito caro para ela.

Fábia salientou que muitas trabalhadoras não sabem sequer quais são seus direitos. “Falta fiscalização. As casas deveriam ter um caderno para marcar a hora de entrada e saída da funcionária, além de um acompanhamento no momento da demissão, pois muitos empregadores não pagam todos os direitos”, completou.

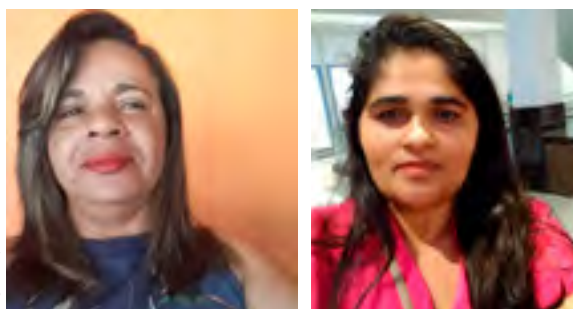


Imagem: Arquivo Pessoal

Fábiana dos Santos Macedo e Ana Paula Santana..

Ana Paula Santana, 43, nasceu em Vitória de Santo Antão (PE) e mora em Olinda (PE). “Também comecei a trabalhar desde cedo, por volta dos 13 anos, e minha carteira, atualmente, é assinada. Meus pais trabalhavam num engenho e éramos cinco filhos. Tive muitos patrões, muitos que me humilharam. Uma vez chorei por mais de meia hora sem parar. Além disso, certa vez, na casa de um coronel, enquanto eu dormia, no mesmo quarto que as filhas dele, eu o senti passando a mão em mim. Acordei e reagi negativamente e o fato nunca mais aconteceu, mas nunca me esqueci daquela noite”, contou.

Para Ana Paula, direitos como o Programa de Integração Social (PIS) ou um controle das horas extras precisam ser incluídos. “Muitos patrões querem que você chegue na hora certa, mas não deixam que as empregadas saiam na hora correta. Há muitas leis que só valem no papel”, observou. “Eu, por exemplo, fui contratada para cozinhar, mas trabalho como empregada doméstica. Assinaram minha carteira como empregada doméstica. Quando fui contratada, a família não tinha cachorro e hoje tem. Sempre que o cachorro faz cocô ou xixi eu tenho que interromper meu trabalho e isso me incomoda muito”, contou Ana Paula. ●

O QUE DIZ A LEGISLAÇÃO

☞ A Lei nº 5.859, de 1972, garante a carteira assinada com salário mínimo e outros benefícios como férias de vinte dias, décimo terceiro e feriados remunerados.

☞ Durante o governo de Fernando Henrique, houve a conquista do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), mas, com pagamento opcional, ou seja, o patrão só pagava se quisesse.

☞ Em 2006, durante o governo de Lula, houve a implantação do Trabalho Doméstico Cidadão. Com a Lei nº 11.324 ficaram garantidas férias de trinta dias, remuneradas com salário mais um terço. Além disso, foi aprovada a proibição de desconto de itens de alimentação, higiene e moradia, além da estabilidade da gestante.

☞ Em 2013, durante o governo de Dilma Rousseff, foi aprovada a Proposta de Emenda à Constituição das Domésticas. Direitos como seguro desemprego, Fundo de Garantia do Tempo de Serviço obrigatório, pagamento de horas extras e abono família, intervalo para almoço ou descanso ou adicional noturno, além de carga horária semanal, vale-transporte, entre outros direitos, ficaram garantidos por lei.

☞ A Convenção nº 189 da Organização Internacional do Trabalho sobre Trabalhadoras Domésticas, foi apoiada pelo Brasil em 2017, durante o governo de Michel Temer.



Imagem: Pixel-Shot / Adobe Stock

CONVITE

18 A 21
DE MAIO

NOVA
EXPO

CATÓLICA

A FEIRA QUE
VOCÊ JÁ CONHECE,
COM UMA
EXPERIÊNCIA
QUE VOCÊ NUNCA
VIVEU!

NOVO LOCAL
NOVA PROGRAMAÇÃO
NOVO FORMATO



PRO MAGNO – Centro de Eventos
Avenida Prof. Ida Kolb, 513
Casa Verde – São Paulo/SP

Informações, convites e
notícias sobre o evento:

expocatolica.com.br

EXPO 
CATÓLICA

  expocatolica

 (12) 99683-1989

Liturgia da Palavra

CAMINHO PARA O PAI 5º Domingo da Páscoa – 7 de maio

1ª LEITURA – ATOS 6,1-7

“Escolheram sete homens repletos do Espírito Santo.”

O tema principal deste domingo é a promessa feita por Nosso Senhor de que enviaria o Espírito Santo sobre os apóstolos quando voltasse para junto de seu e nosso Pai. Esta leitura nos narra como os apóstolos, antes de escolher sete ajudantes – chamados diáconos – para servirem os alimentos tanto para as viúvas dos judeus como para as dos que tinham vindo dos pagãos, invocaram o Divino Espírito Santo. Devemos invocar o Espírito Santo quando fizermos nossa oração da manhã e rezemos a Ele também todas as vezes em que aparecer algum problema durante nosso dia. Outra lição que nos é oferecida pela leitura deste texto da Palavra de Deus é que os sete diáconos, uma vez escolhidos para desempenhar aquela missão, logo começaram a fazê-la. Também cada um de nós tem a missão de casado ou solteiro, além de nossa profissão e de nossas obrigações e tarefas cotidianas a cumprir com amor. Lembremo-nos sempre de que todas as nossas boas ações são sacrifícios espirituais que oferecemos a Deus para que Ele, em seus desígnios divinos, favoreça a quem desejar. Essa é a “comunhão dos santos”, em cuja existência professamos ao recitarmos o “Creio em Deus Pai”.

SALMO 32(33),1-2.4-5.18-19 (R. 22)

“Sobre nós venha, Senhor, a vossa graça, da mesma forma que em vós nós esperamos!”

2ª LEITURA – 1PEDRO 2,4-9

“Vós sois a raça escolhida, o sacerdócio do Reino.”

Esta realidade é expressa por São Pedro, em sua primeira carta: “Sois uma raça escolhida, um sacerdócio régio, uma nação santa, um povo adquirido para Deus” (v. 9). Nosso primeiro Papa compara a Igreja a um edifício em que somos como pedras

vivas na sua construção, fundamentadas na sua pedra angular, Jesus Cristo. Unidos a Ele, formamos um novo e imenso templo espiritual. A esse se referia Jesus quando à beira de um poço revelou à samaritana “Vem a hora e já chegou em que os verdadeiros adoradores hão de adorar o Pai em espírito e verdade e são esses adoradores que o Pai deseja” (Jo 4,23). Sendo assim, constituídos sacerdotes por nosso Batismo, ofereçamos por meio de Cristo, sumo e eterno sacerdote, sacrifícios espirituais que agradam a Deus. São eles principalmente as obras de amor, sendo que entre elas se destaca o perdão a quem nos ofendeu, como Jesus nos revelou: “Porque, se perdoardes às pessoas as suas ofensas, vosso Pai celeste também vos perdoará” (Mt 6,14-15). Cuidemos, portanto, para que não sejamos a “pedra de tropeço” a que se refere São Pedro: “Nela tropeçam porque não obedecem à Palavra [de Deus]” (v. 8).

ACLAMAÇÃO AO EVANGELHO

(JO 14,6)

Aleluia! Aleluia! Aleluia!

“Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém chega ao Pai senão por mim.”

EVANGELHO – JOÃO 14,1-12

“Eu sou o caminho, a verdade e a vida.”

Este trecho do santo Evangelho faz parte do discurso de despedida de Jesus aos apóstolos. Ele nos é apresentado após a ressurreição de Nosso Senhor como um testamento que só é lido após a morte para que o leiamos e meditemos sobre o seu conteúdo tão revelador. Nele, Jesus nos fala dos vários serviços que devemos desempenhar em favor do próximo, quer em casa, quer na igreja, nas várias pastorais, quer em outros lugares em que Ele nos colocar conforme seus desígnios. Devemos colocar todo o amor no serviço que prestamos, por menor que for, pois tudo que fizermos no serviço ao próxi-

mo será ao próprio Jesus que o faremos, como Ele nos revelou: “Todas as vezes que fizestes isso a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes” (Mt 25,40). Jesus é a face humana de Deus, por isso é que devemos meditar principalmente sobre os santos evangelhos reiteradamente, para aplicarmos a nós seus ensinamentos e imitá-lo em suas variadas ações. Aprender com Ele suas preferências: a quem escolhe, a quem adverte, a quem defende, enfim, ouvir suas palavras e meditar sobre suas ações.

SUGESTÃO DE REFLEXÃO

Ofereço a Nosso Senhor sacrifícios espirituais para ajudar, por seu intermédio, a quem Ele quiser? Peço a Deus que me dê forças para perdoar a quem me ofendeu? Reflito sobre a Palavra de Deus para aplicá-la a mim?

LEITURAS PARA A 5ª SEMANA DA PÁSCOA

8. SEGUNDA: At 14,5-18 = Anunciamos que vos convertais. Sl 113b(115). Jo 14,21-26 = O Defensor, o Espírito Santo, que o Pai enviará, Ele vos ensinará tudo. **9. TERÇA:** Reuniram a comunidade. Contaram-lhe tudo o que Deus fizera por meio deles. Sl 144(145). Jo 14,27-31a = A minha paz vos dou. **10. QUARTA:** At 15,1-6 = Controvérsia provoca o Concílio Apostólico de Jerusalém. Sl 121(122). Jo 15,1-8 = Aquele que permanece em mim, e eu nele, esse produz muito fruto. **11. QUINTA:** O Concílio de Jerusalém pronuncia-se a favor dos pagãos convertidos. Sl 95(96). Jo 15,9-11 = Permaneci em meu amor para que a vossa alegria seja plena. **12. SEXTA:** At 15,22-31 = Carta do Concílio de Jerusalém às Igrejas da Síria e da Cilícia. Sl 56(57). Jo 15,12-17 = Este é o meu mandamento: amais-vos uns aos outros. **13. SÁBADO:** At 16,1-10 = Vem à Macedônia e ajuda-nos! Sl 99(100). Jo 15,18-21 = Não sois do mundo, porque eu vos escolhi e aparteí do mundo.

Liturgia da Palavra

O ESPÍRITO DA VERDADE 6º Domingo da Páscoa – 14 de maio

1ª LEITURA – ATOS 8,5-8.14-17 “Impuseram-lhe as mãos e eles receberam o Espírito Santo.”

Desde domingo passado, as leituras oferecidas pela sagrada liturgia desejam nos preparar para a Solenidade de Pentecostes. Pela primeira leitura deste domingo ficamos sabendo que os apóstolos pensavam que deviam anunciar o Santo Evangelho somente em Jerusalém, ainda ligados às tradições judaicas, mas, aconteceu que também se haviam convertido à fé em Jesus Cristo os assim chamados gentios, ou helenistas, que não seguiam as normas ditadas pelas autoridades judaicas; por esse motivo, começaram a ser perseguidos por elas, sendo obrigados a sair da Palestina. Eis como nos narra o Livro dos Atos dos Apóstolos: “Todos se dispersaram pelas regiões da Judeia e de Samaria, com exceção dos apóstolos” (8,1). Obedecendo às ordens do Divino Salvador, “Iam por toda a parte, anunciando a Palavra de Deus” (v.4). Assim, os apóstolos lhes enviaram Pedro e João para que se mantivessem unidas à Igreja de Jerusalém as novas comunidades que surgiam (vv. 14-17). Nesses locais impuseram as mãos aos que já tinham sido batizados pelo Diácono Filipe, cristão helenista, mas faltavam as manifestações externas que eram comuns na Igreja Católica primitiva. Dessa maneira, Deus se revelava a todos os cristãos, tanto aos de Jerusalém quanto aos de fora, que estavam ligados entre si, independentemente de serem filhos de Abraão ou não.

SALMO 65(66), 1-3A.4-7A.16.20 (R. 1-2A).

“Aclamai o Senhor Deus, ó Terra inteira, cantai salmos a seu nome glorioso!”

2ª LEITURA – 1 PEDRO 3,15-18 Conduta dos cristãos na perseguição.

São Pedro tinha recebido a revelação de Deus de que a Igreja, por Cristo fundada sobre o próprio apóstolo, era não só dos judeus convertidos à fé em Cristo, mas também dos pagãos que a tinham aceitado, por isso, dirigiu-se a esses cristãos que antes eram sendo perseguidos

pelos judeus e então também pelo Império Romano. Nosso primeiro Papa orientou-os com as seguintes reflexões (que valem também para nós): “Se vós vos aplicardes em fazer o bem, quem vos poderá fazer mal? E até sereis felizes se padecerdes alguma coisa por causa da justiça. Portanto, não temais as suas ameaças e nem fiquéis perturbados. Estai sempre prontos a responder vossa defesa a todo aquele que vos pedir a razão de vossa esperança, mas fazei-o com suavidade e respeito” (vv. 13-15). Para darmos resposta a quem nos perguntar por que procuramos, com a graça de Deus, a santidade é preciso que tenhamos convicção do motivo de nosso comportamento. Muito importante é a recomendação do apóstolo de não nos alterarmos com quem nos critica ou nos ofender, usando palavras agressivas. Deveremos seguir a doutrina de Jesus, que nos ensinou o seguinte: “Se perdoardes às pessoas as suas ofensas, vosso Pai celeste também vos perdoará. Mas, se não perdoardes às pessoas, tampouco vosso Pai vos perdoará” (Mt 6,14-15).

ACLAMAÇÃO AO EVANGELHO (JO 14,23)

Aleluia, Aleluia, Aleluia.

“Quem me ama realmente guardará minha palavra, e meu Pai o amará, e a Ele nós viremos.”

EVANGELHO – JOÃO 14,15-21

“Eu rogarei ao Pai e Ele vos dará outro defensor.”

Este trecho do santo Evangelho se reveste de grande importância porque nos fala do Divino Espírito Santo que recebemos no dia de nosso Batismo. Os apóstolos, ao ouvir o discurso de Jesus, ficaram tristes porque Ele iria deixá-los e voltaria para junto de seu Pai. Em seguida, prometeu enviar-lhes o Espírito Santo, que o substituiria na missão de sustentáculo, advogado e intercessor. Voltaria com a seguinte condição: “Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é que me ama. E aquele que me ama será amado e eu o amarei e me manifestarei a ele” (v. 21). Mais adiante, num versículo

que não pertence ao Evangelho de hoje, Jesus nos revela: “Este é o meu mandamento, amai-vos uns aos outros como eu vos amo” (Jo 15,12). O grande empecilho para amar ao próximo é nossa inclinação para o egoísmo, que é próprio do mundo e se opõe ao Espírito Santo. É o Espírito da Verdade que o mundo não pode receber porque não o vê nem o conhece (cf. v. 17). O mundo é aquela parte do coração onde se depositam os ódios e ali o Espírito não pode entrar. Ao contrário, Ele nos impulsiona para sermos generosos e a servir aos irmãos necessitados. Rezemos todos os dias para que Ele possa morar em nós, amando ao próximo como a nós mesmos.

SUGESTÃO DE REFLEXÃO

Anuncio a Palavra de Deus com meus gestos de amor aos irmãos? Recebo as críticas construtivas com humildade e agradeço a quem as fez? Peço a Deus forças para que o Espírito Santo more em meu coração, lutando contra o ódio?

LEITURAS PARA A 6ª SEMANA DA PÁSCOA

15. SEGUNDA: At 16,11-15 = O Senhor abiu o seu coração para que aceitasse as palavras de Paulo. Sl 149. Jo 15,26-16,4a = O Espírito da Verdade dará testemunho de mim. **16. TERÇA:** At 16,22-24 = Crê no Senhor Jesus e sereis salvos tu e todos os de tua família. Sl 137(138). Jo 16,5-11 = Se eu não for, não virá até vós o Defensor. **17. QUARTA:** At 17,15,22-18,1 = Esse Deus que vós adorais sem conhecer é exatamente aquele que eu vos anuncio. Sl 148. Jo 16,12-15 = O Espírito da Verdade vos conduzirá à plena verdade. **18. QUINTA:** At 18,1-8 = Paulo passou a morar com eles; trabalhava e discutia na sinagoga. Sl 97(98). Jo 16,16-20 = Vós ficareis tristes, mas a vossa tristeza se transformará em alegria. **19. SEXTA:** At 18,9-18 = Nesta cidade há um povo numeroso que me pertence. Sl 46(47). Jo 16,20-23a = Ninguém vos poderá tirar vossa alegria. **20. SÁBADO:** At 18,23-28 = Apolo demonstrava com as Escrituras que Jesus é o Messias. Sl 46(47). Jo 16,23b-28 = O Pai vos ama porque vós me amastes e acreditastes.

Liturgia da Palavra

JESUS SUBIU AOS CÉUS! Ascensão do Senhor – 21 de maio

1ª LEITURA – ATOS 1,1-11

Jesus elevou-se da Terra à vista deles.

A Solenidade da Ascensão do Senhor nos traz à lembrança a declaração de Nosso Senhor aos seus discípulos: “Convém a vós que eu vá! Porque, se eu não for, o Paráclito não virá a vós, mas se eu for eu o enviarei para vós” (Jo 16,7). Até então, os apóstolos alimentavam a ideia errada de que o Reino de Deus, anunciado pelo Mestre, seria terreno. Chegaram até a disputar entre si os primeiros lugares no futuro “Reino de Israel”, como se pode deduzir do pedido da mãe dos filhos de Zebedeu, que se aproximou de Jesus para lhe pedir: “Ordena que estes meus dois filhos se sentem no teu Reino, um à tua direita e outro à tua esquerda” (Mt 20,21). Não obstante, Nosso Salvador lhe ter respondido “Não sabeis o que pedis” (Mt 20,20-22), a ideia de um Reino de Deus terreno prevaleceu. Por esse motivo, no momento de Jesus se despedir dos apóstolos para voltar para junto de seu Pai com seu corpo glorioso, perguntaram-lhe: “Senhor, é, porventura, agora que ides instaurar o reino de Israel?” Jesus, depois de lhes esclarecer que o Espírito Santo os iluminaria, respondeu-lhes: “Não vos pertence a vós saber os tempos nem os momentos que o Pai fixou em seu poder” (vv. 6-8).

SALMO 46(47),2-3.6-9 (R. 6)

“Por entre aclamações Deus se elevou, o Senhor subiu ao toque da trombeta.”

2ª LEITURA – EFÉSIOS 1,17-23

Pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, Ele nos fez nascer de novo para uma esperança viva.

São Paulo, dirigindo-se aos cristãos da cidade de Éfeso, regozija-se com o amor deles a todos os outros membros dessa comunidade. Em seguida, quase como dando uma resposta aos que sonhavam com um Reino de Deus terreno, revela-lhes que roga a Deus a fim de que lhes dê o espírito de

sabedoria e “(...) para que compreendais a que esperança fostes chamados, quão rica e gloriosa é a herança que Ele reserva” (v. 18) para eles e para nós. Na primeira leitura, após Jesus ter ido para junto do Pai, os apóstolos ficaram a olhar para o céu; foi quando dois homens, vestidos de branco lhes disseram “Por que ficais a olhar para o céu? Esse Jesus que acaba de vos ser arrebatado para o céu voltará do mesmo modo que o vistes subir para o céu” (At 1,11). Portanto, sem dúvida nossa pátria é o Céu, mas não podemos descuidar de pôr em prática o que Jesus nos ensinou acerca da necessidade de implantarmos o Reino dele pelo amor aos nossos irmãos: em casa com os familiares, no trabalho com nossos colegas, nas pastorais, enfim, onde quer que estejamos.

ACLAMAÇÃO AO EVANGELHO

(MT 28,19A.20B)

Aleluia, Aleluia, Aleluia.

“Ide ao mundo, ensinai aos povos todos; convosco estarei, todos os dias, até o fim dos tempos”, diz Jesus.”

EVANGELHO – MATEUS 28,16-20

“Toda a autoridade me foi dada no Céu e sobre a Terra.”

O Evangelho de São Mateus se encerra com uma frase muito consoladora: “Ide, pois e ensinai [a todos] a observar tudo o que vos prescrevi. Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo” (vv. 19-20). Podemos nos perguntar “Como um doente, de cama, poderá cumprir a ordem de Jesus de anunciar seu Reino?”. Pela maneira como receber médicos, enfermeiros e assistentes que o servem, em outras palavras, pelo amor com as pessoas que dele se aproximarem. Onde quer que vivamos, sempre haverá condições de amar ao próximo, vendo nele o próprio Jesus, conforme Ele nos revelou: “Todas as vezes que fizestes isso a um destes meus irmãos mais pequeninos,

foi a mim mesmo que o fizestes!” (Mt 25,40). Outra frase de Jesus muito bonita é “Eis que estou convosco todos os dias até o fim do mundo” (v. 20). Nosso Senhor se revela por meio dos acontecimentos de nossas vidas. Não precisamos pedir sinais a Ele para que nos comprove sua presença, sobretudo nas horas da dor e de dificuldades. Nessas ocasiões, não nos desesperemos, como aqueles que não têm fé, dentro de nossos corações digamos “Deus sabe o que faz. Eu sei em quem confio”, como nos escreveu São Paulo: “Não me queixo, não. Sei em quem pus minha confiança” (2Tm 1,12).

SUGESTÃO DE REFLEXÃO

Cuido para obedecer ao mandamento de Jesus de amar o próximo como a mim mesmo? Sei encarar os reveses de minha vida com serenidade? Acredito que Ele está sempre comigo?

LEITURAS PARA A 7ª SEMANA DA PÁSCOA

22. SEGUNDA: At 19,1-8 = Vós recebestes o Espírito Santo quando abraçastes a fé? Sl 67(68). Jo 16,29-33 = Tende coragem! Eu venci o mundo! **23. TERÇA:** At 20,17-27 = Paulo se despede dos anciãos em Éfeso. Sl 67(68). Jo 17,1-11a = Pai, glorifica o teu Filho. **24. QUARTA:** At 20,28-38 = Entrego-vos a Deus e à mensagem de sua graça que tem poder para edificar. Sl 67(68). Jo 17,11b-19 = Para que eles sejam um assim como nós somos um. **25. QUINTA:** At 22,30; 23,6-11 = É preciso que tu sejas também minha testemunha em Roma. Sl 15(16). Jo 17,20-26 = Para que eles cheguem à unidade perfeita. **26. SEXTA. São Filipe Néri, presb.:** At 25,13b-21 = Jesus que já morreu, mas que Paulo afirma estar vivo. Sl 102(103). Jo 21,15-19 = Apascenta os meus cordeiros. Apascenta as minhas ovelhas. **27. SÁBADO:** At 28,16-20.30-31 = Paulo ficou em Roma pregando o Reino de Deus. Sl 10(11). Jo 21,20-25 = Destino de Pedro (“Segue-me!”) e do discípulo amado (“Fique!”).

Liturgia da Palavra

RECEBEI O ESPÍRITO SANTO! Solenidade de Pentecostes – 28 de maio

1ª LEITURA - ATOS 2,1-11

“Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar.”

O mistério pascal é único. A morte de Jesus, sua ressurreição, a ascensão e o dom do Espírito Santo deram-se todos quando Ele deu o último suspiro na cruz: “Havendo Jesus tomado do vinagre, disse: ‘Tudo está consumado’. Inclinou a cabeça e rendeu o espírito” (Jo 19,30). A sagrada liturgia, porém, para fins catequéticos, com o propósito de que pudéssemos meditar sobre esses tão sagrados mistérios, dividiu-os em solenidades independentes. De forma semelhante, o trecho da descida do Espírito Santo, narrado nesta primeira leitura, e o do Evangelho de hoje expressam a mesma coisa, usando palavras diferentes. Além disso, São Lucas quis colocar a descida do Divino Espírito Santo no dia de Pentecostes para opô-lo à nova descida de Deus aos cristãos, pois Pentecostes dos judeus se celebra em memória da entrega das tábuas da lei a Moisés, enquanto para os cristãos lembra a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos, cinquenta dias depois da Páscoa. Nós recebemos o Divino Espírito Santo no dia em que fomos batizados. Em nossos corações, Ele opera para que falemos todos a linguagem do amor, sem distinção de raça, religião ou cor. É o Espírito Santo que nos sugere o que devemos pedir ao Pai, porque nós mesmos não sabemos o que pedir.

SALMO 103(104),1AB.24AC.29

BC-30-31.34 (R. 30)

“Enviai o vosso Espírito, Senhor, e da Terra toda a face renova.”

2ª LEITURA - 1CORÍNTIOS 12,3B-7.12-13

“Fomos batizados num único Espírito, para formarmos um único corpo.”

Terminamos a primeira leitura, tirada do Livro dos Atos dos Apóstolos, refletindo sobre o papel do Divino Espírito Santo que opera em cada um de nós para que nos falemos uns aos outros com a mesma unidade do amor. Nesta carta de São Paulo, dirigida aos cristãos de Corinto, somos convidados a formar um só corpo místico

de Cristo, uma vez que fomos todos batizados num só e mesmo Espírito. Naquela comunidade, havia quem se achasse mais importante do que o irmão por ter dons diferentes do que ele e, a seu ver, superior aos dos demais membros da comunidade, por causa disso desejavam mandar nos outros. O apóstolo escreve que as muitas qualidades confiadas a cada um pelo Divino Espírito Santo foram-lhe dadas visando a favorecer a unidade, não a divisão. Também entre nós, na comunidade em que vivemos, há divisões e manifestações de orgulho como na comunidade de Corinto no início da Igreja. Cada um, em vez de colocar seus dons a serviço dos irmãos com humildade, julga-se no direito a privilégios e a ocupar os primeiros lugares.

ACLAMAÇÃO AO EVANGELHO (LC 24,32)

Aleluia, Aleluia, Aleluia.

“Senhor Jesus, revelai-nos o sentido da Escritura; fazei o nosso coração arder, quando falardes.”

EVANGELHO – JOÃO 20,19-23

“Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio: recebei o Espírito Santo.”

Vimos, em domingo anterior, que após São Pedro e São João Evangelista terem constatado que o sepulcro estava aberto e vazio conforme Santa Maria Madalena lhes tinha avisado, voltaram para o Cenáculo junto com os outros discípulos e “(...) tinham fechado as portas do lugar onde se achavam por medo dos judeus” (v. 19). Foi quando Jesus lhes apareceu, mostrou-lhes as chagas, comprovando que era o Mestre mesmo, e lhes disse “A paz esteja convosco! Como o Pai me enviou assim também eu vos envio a vós” (v. 21). Esse envio aos irmãos também foi dito a nós, no dia de nosso Batismo. Também, nessa ocasião, o ministro do Sacramento nos desejou a paz de Cristo a fim de que, já então com o Espírito Santo no coração, inteiramente limpo de qualquer pecado pelas águas do Batismo derramadas em nossa cabeça, pela força de Jesus Ressuscitado, atinja outros corações. Agora, com o Espírito Santo em nosso coração,

levaremos para todos os lugares aonde formos a paz de Cristo. Com humildade, portanto, aproximaremos-nos de todas as pessoas que encontrarmos querendo servi-las em tudo que pudermos: procuraremos, portanto, os últimos lugares, atentos para ajudar a quem precisar de auxílio. Por quê? Porque Jesus nos ensinou que o serviço prestado ao menor e mais humilde dos irmãos será feito a Ele mesmo.

SUGESTÃO DE REFLEXÃO

É com humildade que me aproximo das pessoas? Minhas atitudes, minhas reações mostram que sou portador da paz de Cristo? Sei, portanto, perdoar as ofensas para que o Pai Celeste também perdoe os meus pecados?

LEITURAS PARA A 8ª SEMANA DO TEMPO COMUM

29. SEGUNDA. Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe da Igreja: Gn 3,9-15.20 = Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela. Sl 86(87). Jo 19,25-34 = Este é o teu filho. Esta é a tua mãe. **30.**

TERÇA: Eclo 35,1-15 = Aquele que cumpre os preceitos oferece um sacrifício salutar. Sl 49(50). Mc 10,28-31 = Receberá cem vezes mais agora, durante esta vida com perseguições e, no mundo futuro, a vida eterna.

31. QUARTA. Visitação de Nossa Senhora: Sf 3,14-18 = O Rei de Israel, o Senhor, está no meio de ti. Cânt.: Is 12,2-6. Lc 1,39-56 = Como posso merecer que a mãe do meu Senhor venha visitar-me. **1º de junho. QUINTA. São Justino, mt.:** Eclo 42,15-26 = A obra do Senhor está cheia da sua glória. Sl 32(33). Mc 10, 46-52 = Mestre, que eu veja! **2. SEXTA:** Eclo 44,19-13 = Nossos pais são homens de misericórdia; sua descendência permanece para sempre. Sl 149. Mc 11,1-26 = Minha casa será chamada casa de oração para todos os povos. Tende fé em Deus. **3. SÁBADO. São Carlos Lwanga e comps. mts.:** Eclo 51,17-27 = Nossos pais são homens de misericórdia; sua descendência permanece para sempre. Sl 18(19B). Mc 11,27-33 = Com que autoridade fazes essas coisas?

LANÇAMENTO

A SUA MISSÃO CATEQUÉTICA JUNTO AO CORAÇÃO DE CRISTO!



Um livro para aperfeiçoar e atualizar as práticas cotidianas dessa missão!

Essa obra, produzida para catequistas e coordenadores de catequese, tem por objetivo levar ricos ensinamentos a você que se coloca em missão para evangelizar o mundo!

O novo livro da Editora Ave-Maria contempla profundos estudos da fé cristã, bem como as diferentes formas de evangelizar.

ACESSE

avemaria.com.br

E GARANTA JÁ O SEU!

SIGA NOSSAS
REDES SOCIAIS



AM
EDITORA
AVE-MARIA

RES SUR REI ÇAÇÃO

“Realmente, o Senhor ressuscitou.” (Lc 24,33)

“Aconteceu sem mesmo esperar, Ele apareceu em meio aos discípulos a caminhar. Falava de amor e o som de sua voz Abrasava os seus corações. E diziam ‘Senhor, fica conosco’.”
(Walmir Alencar, *Ao partir o pão*)

♦ Pe. Diego Lelis, cmf ♦

Não raro nos encontramos caminhando desencantados, tomados pela tristeza e decepção de projetos que, aparentemente, fracassaram. Muitas vezes, depositamos nesses propósitos muito da nossa energia e da nossa esperança, de modo que, com o insucesso deles, vemo-nos fragilizados, desiludidos e sem muita coragem para prosseguir.

Esse sentimento é muito semelhante ao vivido pelos discípulos de Cristo no período entre a sua morte e a ressurreição. Aqueles homens e mulheres haviam depositado suas vidas, esperanças, forças e sentidos na causa apresentada pelo Mestre, mas, àquela altura, para eles tudo havia terminado escandalosamente na cruz. Já não havia muito a ser feito, restava juntar os cacos e voltar à vida anterior, como se nada houvesse acontecido – como se isso fosse possível.

As Sagradas Escrituras nos presenteiam com um bonito e catequético relato sobre esse momento – os discípulos a caminho de Emaús. O itinerário realizado por esses discípulos sinaliza, para cada um de nós, um processo que deve acontecer no mais íntimo dos nossos corações. O Cristo já havia ressuscitado, mas aqueles discípulos ainda não haviam feito a experiência da ressurreição. Eles estavam presos ao evento da cruz, ao desalento, ao sofrimento vivido na paixão e morte de Jesus.

A presença daquele, aparentemente, desconhecido é um convite àqueles discípulos a lançar um olhar novo sobre a realidade, um olhar semelhante ao das mulheres que, experienciando a ressurreição, saíram a anunciá-la.

Ao longo do caminho, os olhos deles vão se abrindo à realidade e à presença daquele homem. A

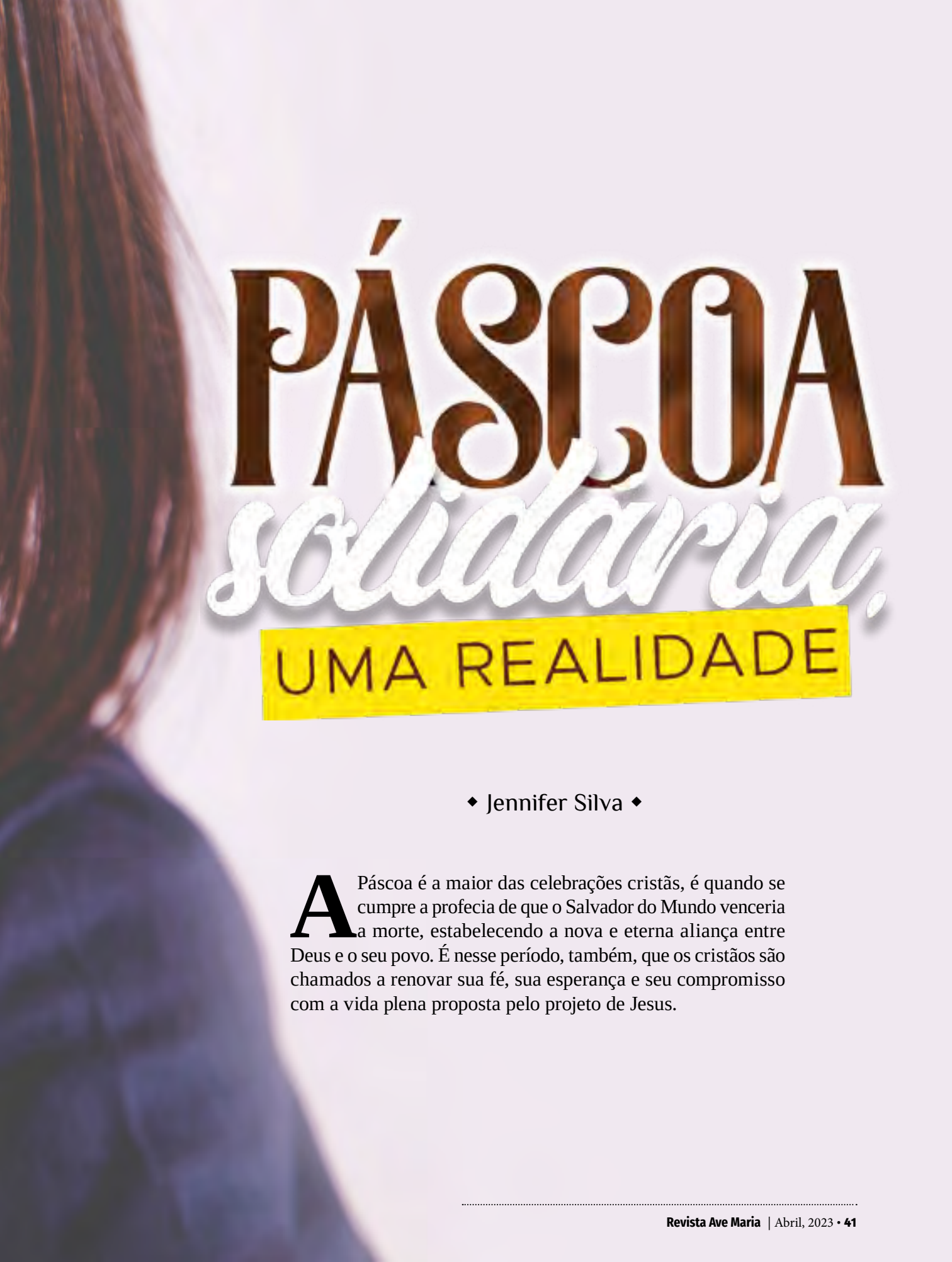
experiência da ressurreição se mostra ao avesso do que foi vivido na paixão e morte de Jesus. A morte é um momento trágico e quase cinematográfico – o céu escurece, a terra treme, o véu do templo se rasga. Já a experiência da ressurreição, para aqueles discípulos, dá-se na simplicidade do caminho, na conversa sincera e na leitura da vida à luz das escrituras. O clímax da narrativa acontece no partir do pão, quando finalmente eles reconheceram o Senhor e, exatamente nesse momento, o Cristo desaparece dos seus olhos, dando a entender que ocorre quase como um passe de mágica.

Talvez tenhamos a tentação de nos prender a essa imagem, esquecendo o caminho percorrido até ali. O processo de ressurreição na vida daqueles discípulos se inicia no caminho com o Senhor, que lhes explica as Escrituras e faz arder os seus corações. A presença do Ressuscitado transforma o olhar daqueles peregrinos, eles já não eram mais os mesmos. Seus corações foram tocados pelas palavras e pela presença do Ressuscitado a ponto de pedirem “Fica conosco, Senhor!”.

O Cristo que ao partir do pão desaparece aos seus olhos começa a habitar seus corações tocados e transformados porque também foram ressuscitados com Ele. Os discípulos saíram da morte à vida, do desencanto à alegria e à esperança. Seus sonhos, projetos e causas foram ressignificados pelo Ressuscitado. Tenhamos também nós essa coragem de, caminhando com Ele, fazermos um verdadeiro caminho de ressurreição. Sigamos com coragem e alegria. Ele está vivo e caminha ao nosso lado! ●



Imagem: zwiabacasser / Adobe Stock



PÁSCOA

solidária.

UMA REALIDADE

♦ Jennifer Silva ♦

A Páscoa é a maior das celebrações cristãs, é quando se cumpre a profecia de que o Salvador do Mundo venceria a morte, estabelecendo a nova e eterna aliança entre Deus e o seu povo. É nesse período, também, que os cristãos são chamados a renovar sua fé, sua esperança e seu compromisso com a vida plena proposta pelo projeto de Jesus.

Talvez por isso, muitas iniciativas solidárias são ampliadas nas proximidades do dia da Páscoa, já que para os fiéis a caridade é um ato que ganha ainda mais relevância quando refletida como um dos pilares do período quaresmal, ultrapassando até mesmo o grande apelo comercial acerca dessa data.

Para inspirar mais iniciativas solidárias, a *Revista Ave Maria* apresenta quatro exemplos de ações caritativas realizadas durante a Páscoa.

TEMPO DE PARTILHA

Tendo consciência das muitas necessidades enfrentadas por crianças e adolescentes, a Pastoral do Menor da Arquidiocese de São Paulo (SP) realiza todos os anos, no mês que antecede a festa da ressurreição de Cristo, a campanha “Páscoa, tempo de partilha: partilhar torna a vida mais doce”.

Segundo a coordenadora da Pastoral do Menor, Sueli Camargo, esse organismo busca realizar o sonho de uma Páscoa mais doce por meio da arrecadação de ovos de chocolate destinados às crianças e adolescentes da periferia de São Paulo e para as que se encontram em situação de rua ou em moradias precárias. Além dos ovos é realizada, ainda, a doação de alimentos para minimizar o sofrimento dessas pessoas.

“A Páscoa é uma data que comemoramos a vida, a ressurreição de Jesus Cristo e, por isso, somos impactados por um sentimento de solidariedade e pelo desejo de contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária. A melhor forma de vivenciarmos esse momento é nos doando, doando nosso tempo, atenção, semeando esperanças, doando o que há de melhor em cada um de nós”, destacou Sueli.

Além das campanhas solidárias, a Pastoral do Menor realiza, há mais de trinta



Imagem: Arquivo Pessoal

Doação de ovos de Páscoa - CEI São Miguel - 2022.

anos, a Via Sacra da Criança e do Adolescente. O momento resgata a paixão, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo por inúmeras crianças que caminham nas ruas do centro da capital paulista, revivendo as estações da Via Sacra. Além de colocar as crianças e adolescentes como protagonistas, a iniciativa também prevê o anúncio de seus direitos em consonância com o tema e lema da Campanha da Fraternidade de cada ano. “Somos vistos e lembrados e tornamos públicas as reivindicações por necessidades básicas. Dessa forma, vivemos mais intensamente a ressurreição, na esperança de uma vida digna para as crianças e adolescentes vulnerabilizados pela ausência do Estado”, enfatizou a coordenadora.

MAIS DE MIL SORRISOS

O Movimento Eclesial Aliança de Misericórdia tem a missão de transformar todo aquele que é evangelizado pela obra em um evangelizador e testemunha da misericórdia de Deus. Parte dos serviços desenvolvidos possui caráter social e são realizados no contexto da Páscoa.

Nos centros de educação infantil São Miguel I e II e Centros de Crianças e Adolescentes Padre Pio e Domingos Sávio, neste ano haverá distribuição de ovos de chocolate, rodas temáticas com as crianças, brincadeiras como caça aos ovos, momento de oração e partilha e incentivo à doação por meio da “Páscoa Solidária”.

No Centro de Crianças e Adolescentes Padre Pio também haverá a plantação do girassol e teatro “Santa Ceia”, já no Centro de Educação e Formação Profis-

sional, no Parque Taipas, em São Paulo, acontecerão momentos de espiritualidade e reflexão sobre o verdadeiro sentido da Páscoa, enfatizando o amor e a caridade, buscando uma vivência fraterna, além da distribuição de ovos de chocolate.

As casas lares Aliança I e II e Maria Paola, que prestam atendimento em serviço de acolhimento institucional, promoverão o jogo “caça ao versículo”, um desafio com dicas para que as crianças e adolescentes descubram o trecho bíblico que apresenta o verdadeiro sentido da Páscoa, e a brincadeira “não deixe o ovo cair”.

Para a coordenação do movimento, estar presente nesses espaços durante a Páscoa representa “levar o amor, a caridade e a experiência de misericórdia aos irmãos atendidos, contextualizando para as crianças e adolescentes o verdadeiro sentido da Páscoa: a morte e a ressurreição de Jesus Cristo”.

Um dos momentos mais expressivos para os voluntários, segundo os coordenadores, foi quando em um dos locais contemplados pelas ações uma criança contou que aquela era a primeira vez que recebia um ovo de chocolate na Páscoa somente dela.

A expectativa para 2023 é a de demandar esforços para a realização desse “momento especial” com o auxílio dos parceiros e doadores e, assim, proporcionar uma experiência de alegria, festa, ressignificação e amor, atendendo às expectativas das crianças e adolescentes e que estão ansiosos por essa ocasião, evocando o sentido de reflexão e comunhão que a Páscoa carrega.



Imagem: Arquivo Pessal

Doação de ovos de Páscoa - CEI São Miguel - 2022.

SEM FRONTEIRAS

O Movimento dos Focolares é um vasto movimento a favor do diálogo e da unidade. Durante o período de Páscoa, muitos grupos realizam ações caritativas e espirituais. Neste ano, de modo particular, crianças e famílias vulneráveis receberão cestas e chocolates e um dia de lazer. Para os organizadores, o objetivo vai além de ofertar algo concreto, tem o intuito de estabelecer uma ponte de diálogo para a promoção da vida das pessoas contempladas.

Nos dois últimos anos, devido os cuidados impostos pela pandemia de covid-19, as ações foram mais restritas; mesmo assim, por meio da “Páscoa Delivery”, centenas de crianças e adolescentes receberam em casa os chocolates, a palavra de vida e livros para colorir que pudessem ser catequéticos.

Para o coordenador nacional das novas gerações de religiosos e consagrados do Movimento dos Focolares no Brasil, Ronaldh Oliveira, realizar ações caritativas nesse período representa “promover vida e mais dignidade para as pessoas, indo além do assistencialismo; é sem sombra de dúvida ressurreição para elas e para nós”.

Ronnaldh também salientou que, em um mundo cada vez mais individualista e egocêntrico, é preciso atenção para que, sobretudo as crianças, não se sintam desamparadas pela sociedade. “As pessoas acham muitas vezes que chocolate não é nada, mas, para uma criança é tudo. É sinal de que elas não são esquecidas. A partir dele, pode-se começar um diálogo capaz de mudar uma vida (...). A Páscoa solidária nunca termina na Páscoa, pelo contrário:

começa nela pelos relacionamentos que se criam, fortalecem e se partilham”, relatou. Ele disse ainda que para esta Páscoa “não só espero o sorriso das crianças, que não tem preço, mas espero, principalmente, pelos relacionamentos que se criam, fortalecem e se partilham para crescermos como sociedade e como seres humanos”, expressou o coordenador.

ALTRUÍSMO

Ingrid Ribeiro há quase vinte anos realiza ações de voluntariado em prol das pessoas que mais precisam. Em diferentes épocas do ano, ela movimenta atividades que beneficiam crianças, adolescentes e jovens, como campanhas do agasalho, do material escolar e de Natal.

Na Páscoa não é diferente. Ela, que atualmente é voluntária nos Serviços de Acolhi-

mento para Crianças e Adolescentes (SAICA), Casa do Cristo Redentor e Casa Luz do Milênio, em São Paulo, e na Casa Abrigo de Minas Gerais, na cidade de Aiuruoca (MG), neste ano pretende arrecadar 120 caixas de chocolate para as crianças e adolescentes atendidos nesses serviços, além de, pela primeira vez, ampliar a ação para um asilo e para o Lar Pequeno Aprendiz, ambos em São Paulo. Toda a logística de arrecadação e distribuição é feita pela voluntária, que conta com a ajuda de amigos e familiares.

Além da doação, Ingrid costuma organizar um momento recreativo de distribuição. Para a voluntária, a ação representa uma renovação da esperança de que as oportunidades serão, um dia, iguais para todos. Segundo ela, a maior motivação para a continuidade do seu trabalho é o carinho que recebe nos momentos de entrega dos chocolates.●



Doação de ovos de Páscoa - CEI São Miguel - 2022.



SANTUÁRIO DO PAI DAS MISERICÓRDIAS EM CACHOEIRA PAULISTA (SP)

♦ Equipe de Comunicação do Santuário ♦

Em 2002, o Padre Jonas Abib estava em Araras (SP) dando um encontro “Por hoje não vou mais pecar” (PHN) e quando viu que a Canção Nova estava repleta de uma multidão, reconheceu ali a confirmação da palavra que Deus lhe deu (cf. 2Cr 7,15).

Foi durante a Festa da Divina Misericórdia, no segundo domingo da Páscoa, que o Senhor deu uma palavra ao Padre Jonas e ela foi sendo trabalhada nele. Seguindo a inspiração de Deus, em 2002 Monsenhor Jonas Abib profetizou a

criação da Igreja do Pai das Misericórdias: “Entramos agora numa grande aventura: enquanto construímos aqui, em Cachoeira Paulista (SP), a Igreja da Divina Misericórdia, o Senhor estará construindo em nós uma revolução. Desse modo, terminada a construção do santuário, estaremos prontos para viver o tempo da misericórdia até que o Senhor venha”.

As obras tiveram início no ano de 2008 e foram concluídas em 2014, com a dedicação do Santuário do Pai das Misericórdias na cele-

bração da santa Missa, presidida pelo então bispo de Lorena, Dom João Inácio Müller, no dia 5 de dezembro. Os tons claros, bem como o uso de madeiras, pedras e alguns detalhes dourados foram escolhidos não apenas para representar a realeza de Deus, como também a própria história da construção do santuário, que contou também com a doação de ouro de milhares de pessoas.



Cada elemento artístico e litúrgico do santuário forma um só corpo, uma linguagem única, cheia de unção e significado. Rico em detalhes e espiritualidade, o santuário oferece a possibilidade de um verdadeiro encontro e uma forte experiência com a misericórdia do Pai



Sua missão é a de levar essa misericórdia a todas as pessoas e

lugares sendo um só corpo, formando um grande santuário do Pai das Misericórdias: o ápice do território eucarístico. Além disso, ser os braços abertos e estendidos do Pai para acolher a todos, com seus pecados e misérias; ser o coração, a face, o olhar, o sorriso do Pai para recebê-las com amor, infundir-lhes confiança e mergulhá-las no oceano infinito da sua misericórdia.

Foi escolhida uma área no terreno que em primeiro lugar marca a realeza de Deus, um ponto alto, que pode ser avistado até mesmo da principal rodovia federal do país, a Presidente Eurico Gaspar Dutra, que liga as cidades do Rio de Janeiro (RJ) a São Paulo (SP), e que também fosse visualizado de qualquer ponto da chácara de Santa Cruz.

O formato do projeto partiu da situação favorável da topografia e da intenção de formar uma mão com os dedos abertos, fazendo alusão à mão gigantesca de Deus e do seu cuidado com cada um que está sob seus cuidados.

O santuário foi projetado para comportar 13 mil pessoas. Atualmente, comporta cerca de 5.200 pessoas. ●



Imagem: santuario.arcanjonoiva.com

São Miguel Arcanjo,
defendei-nos no combate!

Este devocionário é um manual, revisto e atualizado, que apresenta os ensinamentos e as devoções aos anjos e ao arcanjo São Miguel. Um poderoso instrumento na luta contra o mal e que nos ajuda a confiar ainda mais em Deus!

À venda nas melhores livrarias ou no site: www.avemaria.com.br
Siga-nos nas redes sociais:   



Confissão, o “Sacramento da Alegria”: conselhos do Papa para uma boa confissão

O pecado é uma realidade constante e presente em nossas vidas; todos nós somos pecadores. Sendo assim, Jesus institui o Sacramento da Reconciliação, que serve como meio para reconciliar-se consigo, com o próximo e com Deus.

No início do pontificado do Papa Francisco, algo que nos marcou foi a instituição do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, que teve como objetivo trazer para perto as ovelhas perdidas. Isso nos mostra a importância que o Sacramento da Reconciliação tem em nossas vidas. Para o Santo Padre, a confissão é o “Sacramento da Alegria”, que é quando recebemos amor divino, passando da miséria à misericórdia, segundo ele.

Atribuindo a esse Sacramento a importância que lhe é devida, reunimos perguntas ensinadas pelo Papa Francisco para termos uma boa confissão.

EM RELAÇÃO A DEUS

Dirijo-me a Deus somente em caso de necessidade? Participo da Missa dominical e dos dias de

“Quando vou me confessar é para me curar, para curar a minha alma. Para sair com mais saúde espiritual. Para passar da miséria à misericórdia. O centro da confissão não são os pecados que dizemos, mas o amor divino que recebemos e de que sempre precisamos. O centro da confissão é Jesus que nos espera, nos escuta e nos perdoa.” (Papa Francisco, no vídeo de intenção de oração para o mês de março.)

preceito? Começo e termino o meu dia com a oração? Invoquei em vão o nome de Deus, de Maria e dos santos? Envergonho-me de me apresentar como cristão? O que faço para crescer espiritualmente, como e quando o faço? Revolto-me diante dos desígnios de Deus? Pretendo que seja Ele a cumprir a minha vontade?

EM RELAÇÃO AO PRÓXIMO

Sei perdoar, partilhar, ajudar o próximo? Julgo sem piedade, tanto em pensamento quanto com palavras? Caluniei, roubei,

desprezei os pequenos e indefesos? Sou invejoso, colérico, parcial? Tomo conta dos pobres e dos doentes? Envergonho-me da carne do meu irmão ou da minha irmã? Sou honesto e justo com todos ou alimento a “cultura do descartável”? Instiguei os outros a fazer o mal? Observo a moral conjugal e familiar que o Evangelho ensina? Como vivo as responsabilidades educativas para com os meus filhos? Honro e respeito os meus pais? Rejeitei a vida após a concepção? Desperdicei o dom da vida? Ajudei a fazê-lo? Respeito o ambiente?

EM RELAÇÃO A MIM MESMO

Sou um pouco mundano e pouco crente? Exagero em comer, beber, fumar e divertir-me? Preocupo-me em excesso com a saúde física, com os meus bens? Como uso o meu tempo? Sou preguiçoso? Procuro ser servido? Amo e cultivo a pureza de coração, de pensamentos e de ações? Nutro vinganças, alimento rancores? Sou manso, humilde, construtor de paz? ●

**INTENÇÕES DE ORAÇÃO
DO SANTO PADRE
CONFIADAS À SUA REDE
MUNDIAL DE ORAÇÃO**

**Por uma cultura da
não violência**

Rezemos pela maior
difusão de uma cultura
da não violência, que
implica um cada vez menor
recurso às armas, seja da
parte dos Estados, seja
da parte dos cidadãos.

CATEQUISTAS, PEREGRINOS DA ESPERANÇA

♦ Pe. Paulo Gil ♦

No caminho sinodal, a Igreja prepara-se para um novo tempo de evangelização. Ela acolhe e educa os cristãos, no mundo inteiro, para uma escuta, recordando as palavras de João Evangelista sobre o que o Espírito diz à Igreja. (cf. Ap 2,11)

A Igreja propõe um tempo de diálogo sincero, para ouvirmos com o coração e caminharmos atentos à voz do Senhor. Como peregrinos, seguimos os passos do Mestre e buscamos construir uma comunidade que acolhe o caminho proposto por Deus para a Igreja do terceiro milênio. Somos todos peregrinos da esperança!

Catequistas, conscientes e maduros na fé, são convocados para assimilarem e prepararem seus catequizandos no tempo de discernimento. Essa tarefa requer, de todos nós, atenção no processo e nos desafios, nas resistências e nos aprendizados, para que o nosso testemunho da fé e da comunhão reafirmem o compromisso eclesial, pois a catequese é uma tarefa confiada a toda comunidade que, com toda a sua

vida, contribui para a educação de seus membros na fé.

Estamos celebrando quarenta anos da publicação do documento *Catequese renovada*, que foi aprovado em 15 de abril de 1983, pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em sua 21ª Assembleia-geral, um grande motivo para não deixarmos surgir espaços para retrocessos. Toda motivação e toda inspiração que podemos colher desse documento colocam-nos no caminho do seguimento de Jesus, construindo novos caminhos e fortalecendo a fraternidade e a partilha de saberes, ternura e misericórdia, como nos pede Jesus.

O documento *Catequese renovada* fala da vida cristã em comunidade e de como podemos dar mais sentido à experiência de vida comunitária, superando o individualismo na vivência da fé cristã e favorecendo a flexibilidade no agir catequético, reconhecendo o protagonismo do Espírito Santo. Uma comunidade como espaço de acolhimento e de cooperação é a que devemos construir com as famílias de nossos catequizandos, pois a nova geração merece contemplar uma Igreja fraterna e orante, onde não cabe mais nenhum sinal de competição, de egoísmo e de desunião.

Ao dizer “vamos às aldeias vizinhas, para que eu pregue também lá, pois, para isso é que vim” (Mc 1,38), Jesus propunha um caminhar corajoso e perseverante para outros ambientes humanos e sociais. Ele queria que o rosto de sua comunidade fosse revelado. Para Jesus, “vamos” significa juntos, sem reservas, sem medo, sem preconceito e sem resistência. Hoje, esse con-

vite ressoa em nossos ouvidos, por isso, precisamos manter a esperança viva e com perseverança, revelarmos o rosto da Igreja em nós, comunidade que acolhe filhos e filhas de Deus na catequese e em tantas outras atividades pastorais, serviços e movimentos cristãos.

O caminho sinodal é um itinerário de comunhão, de participação e de missão, no qual cada pessoa envolvida vive e testemunha o seu encontro pessoal com Jesus Cristo e sua disponibilidade para o crescimento na fé. Só com muita unidade e determinação conseguiremos superar os desafios da ação evangelizadora. O nosso comprometimento como catequistas, discípulos missionários, pode favorecer oportunidades para a comunhão e, assim, suscitar verdadeiras experiências de conversão, tais como:

- a presença e o interesse de pais e responsáveis pela caminhada espiritual de seus filhos e filhas;
- a busca pela efetiva vida sacramental e comunitária;
- a escuta e a leitura da Palavra de Deus;
- a restauração de vínculos familiares fragilizados;
- o cultivo da cultura do encontro, com afeto e boa comunicação;
- a disponibilidade para a escuta e o diálogo.

Tudo isso pode ser considerado, em muitas famílias de nossas comunidades, sinais autênticos de conversão. Precisamos seguir em

frente, com alegria e com dedicação. Só não podemos nos esquecer de que não estamos sozinhos e nem conseguiremos renovar ou transformar o nosso agir catequético dessa forma. Somos convidados a uma ação séria, solidária e prática.

O tempo proposto para as vivências, ao longo desse itinerário, deve se revestir de paciência e de participação, mas também de oração e de ação. Vamos colocar “a mão na massa”, ou melhor, na consciência! Lembremo-nos de que Jesus nos chamou não para ficarmos parados, mas para assumirmos o nosso papel de peregrinos do amor e da esperança.

A missão de educar na fé e de apontar bons caminhos para a vida dos catequizandos é um ato de amor e de obediência ao mandado de Jesus: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15). Com essa dedicação, os catequistas cumprem um papel muito importante para a vida de seus catequizandos e são considerados, “ao mesmo tempo, mestres, educadores e testemunhas” (*Diretório-geral para a catequese*, 237), quando:

- transmitem a fé cristã;
- favorecem o fortalecimento da fé;
- acompanham as novas gerações na iniciação à vida cristã;
- propõem experiências de crescimento na espiritualidade;
- possibilitam momentos para a formação da consciência e para o engajamento.

Nossa missão ganha um novo sentido quando acolhemos o chamado de Jesus, que nos leva para os melhores caminhos a percorrer: o do amor, o da alegria, o da fraternidade, o do perdão e o da humildade.

Queridos(as) catequistas, para colhermos os frutos temos que tocar o chão da vida das pessoas e lançarmos nele muitas sementes! ●

QUAL É A ESTRUTURA DA CELEBRAÇÃO DA VIGÍLIA PASCAL?

♦ Valdeci Toledo ♦

“**C**elebrando a Vigília Pascal, morramos para a iniquidade e ressuscitemos para a justiça, que desapareça o antigo estilo de vida e resplandeça o novo.”
(São Leão Magno)

A celebração da ressurreição do Senhor começa com a Vigília Pascal. Essa celebração começa no anoitecer ao Sábado Santo, quando se faz a celebração da luz, na qual a Igreja medita sobre as maravilhas que Deus realizou para seu povo. É a celebração mais longa do ano litúrgico e está dividida em quatro partes: bênção do fogo e preparação do círio; liturgia da Palavra; liturgia batismal e liturgia eucarística.

É uma noite especial, na qual celebramos e refletimos sobre a ressurreição do Senhor. Toda sua dor e sofrimento terminam com o jubiloso anúncio “Jesus ressuscitou”.

Proponho fazermos um percurso pelas quatro partes dessa celebração, com o propósito de podermos participar mais intensamente da rica liturgia que a Igreja nos oferece e colher seus abundantes frutos espirituais.

BÊNÇÃO DO FOGO E PROCLAMAÇÃO DA PÁSCOA

A bênção do fogo e a preparação do círio demonstram a vitória da luz sobre as trevas. A liturgia explicitamente nos diz: “A luz de Cristo que ressuscita resplandecente dissipa todas as trevas de nosso coração e nossa mente”. Jesus, que é o mesmo “ontem, hoje e sempre” (Hb 13,8), acolhe-nos e ilumina-nos.

Nessa primeira parte da Vigília Pascal se faz a proclamação da Páscoa, na qual nos é relatado que foi o Senhor “quem pagou do outro a culpa, quando por nós à morte se entregou: para apagar o antigo documento na cruz todo o seu sangue derramou. Pois eis agora a Páscoa, nossa festa, em que o real Cordeiro se imolou: marcando nossas portas, nossas, com seu divino sangue nos salvou”. Essa proclamação da Páscoa é belíssima e traz o título de *Exultet*, pois logo no início proclama “Exulte o Céu, e os anjos triunfantes, mensageiros de Deus, desçam cantando; façam soar as trombetas fulgurantes, a vitória de um Rei anunciando”. Na Vigília Pascal, celebramos a “noite em que Jesus rompeu o inferno, ao ressurgir da morte vencedor” e com gratidão exaltamos: “Ó Deus, quão estupenda caridade vemos no vosso

gesto fulgurar – não hesitais em dar o próprio Filho, para a culpa dos servos resgatar”. Concluindo a proclamação pascal ouvimos jubilosos: “Que Ele possa agradar-vos como o Filho, que triunfou da morte e vence o mal – Deus, que a todos acende no seu brilho, e um dia voltará, sol triunfal. Amém”.

Aqui não temos como transcrever todo o texto do *Exultet*, mas seria interessante dar uma olhadinha no *Missal romano*, ler e meditar sobre cada palavra da proclamação Pascal. É uma viagem ao longo da história da salvação.

LITURGIA DA PALAVRA

A liturgia da Palavra da Vigília Pascal é rica em significado. Ao longo das leituras, recordamos a obra da criação, a vocação de Abraão e sua obediência ao chamado de Deus. Contemplamos a libertação da escravidão. A travessia do mar Vermelho é rica de significado, pois nos apresenta a passagem da escravidão para a liberdade, a saída do Egito para a Terra Prometida. Há uma estreita analogia com a Páscoa, passagem da morte para a vida.

As leituras também nos apresentam a consolação que Deus oferece ao seu povo ao longo de sua caminhada. Não poucas vezes o Senhor usou de misericórdia, demonstrando sua benevolência; não obstante isso, o povo escolhido se afasta de Deus, utilizando-se de sua liberdade, depois percebe que é necessário voltar, pois Deus pode verdadeiramente saciar seus corações. O Senhor sempre está perto para acolher e perdoar. A liturgia também nos demonstra a sabedoria eterna de Deus, que alcança todos os povos. Percebemos que o povo escolhido de Deus deve ser um canal de bênçãos para todos os povos. É justamente de seu povo escolhido que nos nasceu o Salvador.

Depois da proclamação da Palavra de Deus do Antigo Testamento, a Igreja proclama-a no Novo Testamento, que nos indica essa novidade

do plano de salvação de Deus para o seu povo. Ouvimos São Paulo fazendo uma profunda reflexão sobre a ressurreição de Jesus, associando-a ao Batismo, pelo meio do qual o novo povo de Deus se associa à morte e à ressurreição de Cristo, obtendo, assim, uma nova vida. Essa novidade de vida nos é testemunhada pelos discípulos, que se encontraram com o Senhor ressuscitado e o anunciam a todos os povos. Assim, percorrendo a Sagrada Escritura na Noite Santa, vemos como Deus libertou o seu povo e finalmente nos enviou seu Filho como nosso Redentor. A Páscoa inaugura um novo tempo, é a passagem para a plenitude da salvação.

A LITURGIA BATISMAL

Como o Batismo está estreitamente ligado à ressurreição, a liturgia batismal na Noite Santa tem um especial significado, pois é a demonstração de que pelo Batismo fomos feitos criaturas novas, pois o Cordeiro de Deus renova todas as coisas (cf. Ap 21,6). O canto da ladainha nos demonstra a comunhão que temos com todos os santos e ao mesmo tempo nossa confiança na intercessão de cada um deles, para que também possamos viver em comunhão plena com o Senhor. A bênção da água batismal é repleta de simbologia, pois evoca sinais e acontecimentos da história da salvação. Descrevemos aqui as primeiras e últimas palavras dessa especial bênção: “Ó Deus, pelos sinais visíveis dos sacramentos realizais maravilhas invisíveis. Ao longo da história da salvação, vós vos servistes da água (...) a fim de que o ser humano, criado à vossa imagem, seja lavado da antiga culpa pelo Batismo e renasça pela água e pelo Espírito Santo para uma vida nova”.

Com a renovação das promessas do Batismo, renunciemos ao demônio e a todas as suas artimanhas. Renovamos também nossa fé, proclamando os artigos do Credo, fundamentos de nossa vida cristã.

LITURGIA EUCARÍSTICA

A liturgia eucarística conclui essa sublime celebração. A Eucaristia, a partir do Tríduo Pascal, passa a ser o memorial permanente da ação salvífica de Jesus. Na Eucaristia celebramos “o Cristo, nossa Páscoa, que foi imolado. Ele é o pão da retidão e da verdade”. Assim, desde a ressurreição de Jesus, a Igreja reunida, seja no Cenáculo ou nas comunidades primitivas, nas grandes basílicas ou catedrais, nas igrejas espalhadas pelo mundo todo, celebra o único e suficiente sacrifício para a salvação da humanidade. Em cada celebração eucarística o sacrifício de Cristo é atualizado e seu corpo e sangue tornam-se alimento que nos fortalece para prosseguirmos anunciando que seu amor é infinito e para todos.

Com a Páscoa, celebramos a passagem de Jesus da morte para a vida. A ressurreição de Jesus revela a grande mentira que é a morte, pois ela sempre foi considerada o fim de todas as coisas, mas agora, junto com São Paulo, perguntamos: “Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Ora, o aguilhão da morte é o pecado e a força do pecado é a lei. Graças, porém, sejam dadas a Deus, que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo!” (1Cor 15,55-57).

Convivemos com a morte, pois ela faz parte da natureza, encerra o ciclo terreno de toda criatura, porém, não é a última realidade. Cremos na ressurreição. São Francisco até chamava a morte de irmã, pois não a temia e a considerava a possibilidade de encontrar-se definitivamente com o Senhor.

É verdade que nos entristecemos com a perda de um ente querido. Ainda não compreendemos tudo e o medo do desconhecido nos assusta, porém, pela fé cristã somos convidados a contemplar a ressurreição de Cristo como a possibilidade da nossa própria. A ressurreição de Jesus inaugura as primícias da nossa. A morte já foi vencida, a nova realidade é a vida eterna, pois o Senhor faz novas todas as coisas. ●

COMO PODE O
SER HUMANO
ENCONTRAR

Sentido?

♦ Pe. José Alem, cmf ♦

“**A** certeza gera serenidade.” (André Maurois, escritor francês)

Compete a cada um de nós tomarmos consciência da contribuição única e insubstituível, dentro deste desacertado conjunto de incertezas com que deparamos, a fazer a descoberta pessoal do sentido da vida e, quem sabe, contribuir na descoberta de um sentido comum que possa ser o fundamento da paz na sociedade.

Uma das coisas mais importantes que podemos fazer na descoberta do sentido de nossas vidas é nos lembrarmos desta orientação: “Tudo que podemos fazer é estudar a vida das pessoas que parecem haver encontrado suas respostas às questões em torno das quais gira em última análise a vida humana e compará-la com a vida daquelas que não as encontraram” (Charlotte Bühler).

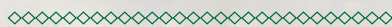
Há meios importantes pelos quais se pode chegar ao sentido da vida. Um deles consiste em dedicar-se a um trabalho ou a fazer uma ação que serve como meio para expressar nossas capacidades de nos dedicar a algo e servir. Outro é encontrar alguém a quem se dedicar. Em outras palavras, o sentido pode ser encontrado no trabalho, mas também no amor. O mais é que mesmo uma vítima sem recursos, numa

situação sem esperança, enfrentando o destino que não pode mudar, pode erguer-se acima de si mesma, crescer para além dela e, assim, mudar-se. Pode transformar a tragédia pessoal em triunfo (cf. Viktor E. Frankl, *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*, pp. 156-157, Editora Sulina).

Será possível dar às pessoas existencialmente frustradas um sentido para suas vidas? Não, não será possível. Nem o médico, nem o psicólogo, nem o religioso podem dar o sentido à vida de alguém porque não são oniscientes, não conhecem totalmente a vida humana e não são onipotentes, não podem fazer tudo, principalmente porque não é possível dar sentido à vida, somente encontrá-lo.



O sentido da vida não pode ser dado, mas, encontrado, descoberto



Tem que ser encontrado pela própria pessoa – não dentro de si, mas além dela, pois é dotada da capacidade de autotranscendência. Encontrar o sentido está em estreita relação com a percepção da realidade. Cada situação com que deparamos constitui um desafio e a possi-

bilidade de escolher concreta e objetivamente o que fazer numa situação, possibilitando descobrir seu sentido. É por isso que só se pode encontrar o sentido, porque ele é objetivo, não podemos atribuí-lo a nosso bel-prazer.

Não se trata de pôr, de colocar um sentido nas coisas, mas de extraí-lo delas, de perceber o sentido de cada uma das situações com que nos defrontamos. O sentido está na possibilidade e na necessidade que cada situação concreta da vida nos possibilita, é aquilo que é preciso nesses momentos, e essa possibilidade de sentido é sempre, como a própria situação, única e irrepetível. Uma vez feita a escolha, deixamos de lado outras possibilidades que nunca mais se repetirão.

O sentido de uma situação, se o encontrarmos e colocarmos em prática, torna-se real de uma vez para sempre. Aquela possibilidade de sentido que se nos apresentava naquele momento e naquele lugar, aqui e agora, torna-se eterna e salva no passado. O ser passado, isto é, algo realizado, é também uma forma de ser, talvez a forma mais segura. Tudo aquilo que realizamos e criamos fica guardado, conservado no interior do passado, e nem o tempo pode apagar. ●

“NÃO É FERIADÃO, É SEMANA SANTA!”

♦ Pe. Luiz Antônio Guimarães ♦

Neste mês de abril haverá a Semana Santa, conhecida como a Semana Maior do calendário cristão, que faz recordar os mistérios da paixão, morte e ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo. Nesse período, enquanto muitos cristãos se reúnem para celebrar e atualizar na própria vida esse mistério, outros aproveitam para fazer viagens e até dizem “É um feriadão”. Será? Claro que não!

É educativa, no sentido cristão, a campanha que tem surgido nas redes sociais, nos últimos anos, expressando veementemente “Não é feriadão, é Semana Santa!”. Certamente, essa frase desperta no coração de quem se diz cristão, isto é, seguidor de Jesus Cristo, a sensibilidade em acolher e refletir sobre a profundidade e beleza desse mistério. Não obstante, muitas pessoas ficam tão envolvidas com as celebrações litúrgicas desse contexto que são condicionadas a uma renovação espiritual e este, de fato, é o objetivo, dado que

a Semana Santa culmina com a Páscoa, que implica dizer ressurreição, vida nova.



Viver a Semana Santa é viver segundo a vontade de Cristo, seguindo seus passos desde o caminho do Calvário até chegar à plenitude da vitória sobre o pecado e a morte



Quem vive, realmente, a espiritualidade dessa semana vê o quanto ela ajuda no crescimento espiritual, fazendo com que o fiel, acolhendo os mistérios da fé, possa levar um sinal de esperança para este mundo dilacerado por tantas desesperanças.

Diz o Papa Francisco, em uma de suas catequeses: “Viver a Semana Santa é entrar sempre mais na lógica de Deus, na lógica da cruz, que não é antes de tudo aquela da dor e da morte, mas aquela do amor e da doa-

ção de si que traz vida. É entrar na lógica do Evangelho. Seguir, acompanhar Cristo, permanecer com Ele exige um ‘sair’. Sair de si mesmo, de um modo cansado e rotineiro de viver a fé, da tentação de fechar-se nos próprios padrões que terminam por fechar o horizonte da ação criativa de Deus. Deus saiu de si mesmo para vir em meio a nós, colocou a sua tenda entre nós para trazer-nos a sua misericórdia que salva e doa esperança”. Todavia, o mundo contemporâneo, da pós-modernidade, parece não estar dando tanto atenção a esse “sair de si” e ir ao encontro do Cristo e, conseqüentemente, do próximo. É um mundo que está se descristianizando, quer dizer, tirando Cristo do centro da família, das instituições e até do próprio coração. É triste constatar quando as pesquisas apontam que o número de ateus e agnósticos tem aumentado, muito mais do que o de cristãos. Talvez a ideia do “feriadão”, num período tão espiritual quanto esse, seja

consequência desse lastimável processo.

É urgente se questionar: “Será que eu guardo vivos no coração os mistérios da fé e os pratico, de tal modo a me colocar em constante renovação espiritual, ou estou sendo levado pelas ideologias de um mundo anticristo, mundo esse que desvirtua os mistérios da fé, em vista de satisfações pessoais e econômicas?”.

Em suma, vale lembrar: “Não é feriadão, é Semana Santa!” ●



Imagem: degreuz / Adobe Stock

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): COMO LIDAR?

♦ Ministério da Saúde ♦

O transtorno do espectro autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por desenvolvimento atípico, manifestações comportamentais, déficits na comunicação e na interação social, padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados, podendo apresentar um repertório restrito de interesses e atividades.

Sinais de alerta no neurodesenvolvimento da criança podem ser percebidos nos primeiros meses de vida, sendo o diagnóstico estabelecido por volta dos 2 a 3 anos de idade. A prevalência é maior no sexo masculino.

A identificação de atrasos no desenvolvimento, o diagnóstico oportuno de transtorno do espectro

autista e o encaminhamento para intervenções comportamentais e apoio educacional na idade mais precoce possível podem levar a melhores resultados a longo prazo, considerando a neuroplasticidade cerebral.

Ressalta-se que o tratamento oportuno com estimulação precoce deve ser preconizado em qualquer caso de suspeita de transtorno do espectro autista ou desenvolvimento atípico da criança, independente-

mente de confirmação diagnóstica.

A etiologia do transtorno do espectro autista ainda permanece desconhecida. Evidências científicas apontam que não há uma causa única, mas sim a interação de fatores genéticos e ambientais. A interação entre esses fatores parece estar relacionada ao transtorno do espectro autista, porém, é importante ressaltar que “risco aumentado” não é o mesmo que causa fatores de riscos ambientais.



Os fatores ambientais podem aumentar ou diminuir o risco de transtorno do espectro autista em pessoas geneticamente predispostas. Embora nenhum desses fatores pareça ter forte correlação com aumento e/ou diminuição dos riscos, a exposição a agentes químicos, deficiência de vitamina D e ácido fólico, uso de substâncias (como ácido valproico) durante a gestação, prematuridade (com idade gestacional abaixo de 35 semanas), baixo peso ao nascer (menos que dois quilos e meio), gestações múltiplas, infecção materna durante a gravidez e idade parental avançada são considerados fatores contribuintes para o desenvolvimento do transtorno do espectro autista.

O transtorno do espectro autista afeta o comportamento da criança. Os primeiros sinais podem ser nota-

dos em bebês nos primeiros meses de vida. No geral, uma criança com transtorno do espectro autista pode apresentar os seguintes sinais:

- Dificuldade para interagir socialmente, como manter contato visual, identificar expressões faciais e compreender gestos comunicativos, expressar as próprias emoções e fazer amigos;
- Dificuldade na comunicação, caracterizada por uso repetitivo da linguagem, e dificuldade para iniciar e manter um diálogo;
- Alterações comportamentais como manias, apego excessivo à rotinas, ações repetitivas, interesse intenso em coisas específicas e dificuldade de imaginação.

Se você acha que seu filho (ou a criança pela qual você é responsável) não está se desenvolvendo conforme os marcos apresentados na caderneta da criança, procure um profissional de saúde da atenção primária à saúde (posto ou unidade básica). É nesses locais que deve ser feita a avaliação inicial e a definição da necessidade de encaminhamento para um especialista.

Embora ainda não tenha cura, o transtorno do espectro autista pode ser tratado de inúmeras formas. Com o apoio de uma equipe multidisciplinar (diferentes profissionais), a criança pode desenvolver formas de se comunicar socialmente e de ter maior estabilidade emocional.

Nenhuma criança com transtorno do espectro autista pode ser discriminada em função de suas dificuldades ou impedida de frequentar qualquer lugar público. ●



A LINGUAGEM DA FÉ E DA CONVERSÃO COMO CAMINHO DE SALVAÇÃO

♦ Pe. Rodolfo Faria ♦

Estimado(a) leitor(a) da *Revista Ave Maria*, começo nossa reflexão mensal de abril propondo uma compreensão sobre a linguagem da fé e da conversão como caminho de salvação para todos nós, sobretudo das nossas famílias.

“A fé é a firme garantia do que se espera, a prova do que não se vê.” (Hb 11,1): como se vê na leitura proposta, pela fé Abel, Enoc, Noé, Abraão e Sara tiveram um testemunho de vida que nos mostra

como eles acreditaram e buscaram uma pátria melhor para viver com suas famílias, uma pátria celeste, mesmo sem conhecê-la. Assim se pauta a nossa fé, acreditar que a salvação existe, que ela vem por meio de Jesus, pela forma como Ele nos ensinou a viver. É como comprar um terreno e construir uma casa e acreditar que lá será o melhor para você e sua família viverem, só que você não conhece o terreno e a casa pessoalmente, vai pesquisando, conhecendo e comprando todo o material de construção e entregando para o construtor, que é Deus, e acredita que Ele lhe fará a melhor casa de todas. E como você sabe disso? Porque Jesus e toda a Sagrada Escritura lhe contaram! E como



Se você reconhece a existência de Deus e acredita que o seu lugar é o Céu e é lá que quer morar, precisa construir o seu caminho até esse lugar.

Uma vez que Cristo vive em você pela fé, as suas obras devem confirmar essa presença divina. Não são as boas obras que fazem com que Cristo more em você, mas a entrada de Cristo em sua vida que o leva a produzir boas obras (cf. Ef 2,10). A questão fundamental da conversão é permitir que Jesus nos dê uma visão nova da vida. Conversão é, acima de tudo, mudança de mentalidade e não de obras, é mudança de critérios e não de hábitos: “Não vivam como vivem as pessoas deste mundo, mas deixem que Deus os transforme por meio de uma completa mudança da mente de vocês. Assim vocês conhecerão a vontade de Deus, isto é, aquilo que é bom, perfeito e agradável a Ele” (Rm 12,2).

Seguem alguns passos para a sua conversão e da sua família:

- um sentimento de culpa ou de comparação de nossas ações com uma lista de pecados. “Ele convencerá as pessoas do mundo de que elas têm uma ideia errada a respeito do pecado e do que é direito e justo e também do julgamento de Deus” (Jo 16,8);

- **Confissão dos pecados:** precisamos reconhecer e confessar explicitamente nossos pecados a Deus (cf. Sl 32). Isso inclui renunciar a todas as obras do mal que praticamos e renunciar, por exemplo, às crenças que depositamos em falsas religiões e falsos deuses e tantas outras práticas que muitas vezes encontramos em nosso meio tão pouco evangelizado (cf. Hb 13,9). Além do exame que fazemos de nossa consciência, da acusação dos nossos pecados a Cristo e do propósito de não mais cair, como membros do corpo de Cristo que somos, temos que reatar com os irmãos de nossa comunidade de vida.

A Palavra do Senhor nos ensina que a confissão não se limita a falar com Cristo, porque o pecado, além de afetar nossa relação com Deus, afeta também nossa relação fraterna, daí a necessidade de praticar o que ordena a Palavra: “Essa oração feita com fé salvará a pessoa doente. O Senhor lhe dará saúde e perdoará os pecados que tiver cometido. Portanto, confesse os seus pecados aos outros e façam orações uns pelos outros, para que vocês sejam curados. A oração de uma pessoa obediente a Deus tem muito poder” (Tg 5,15-16). ●

HÁBITOS QUE ESTIMULAM A MEMÓRIA

♦ Tua Saúde ♦



Imagem: Krakenimages.com / Adobe Stock

Algumas formas de melhorar a memória são utilizar técnicas que facilitam o acesso a ela e aumentam o número de conexões feitas pelo cérebro, como aprender sempre algo novo, fazer jogos para a memória, praticar exercícios físicos e dormir bem, por exemplo, o que ajuda a facilitar a aprendizagem e a aumentar o rendimento nos estudos e no trabalho.

A falta de memória ou dificuldade para memorizar informações pode surgir devido a estresse, ansiedade, falta de vitamina B12 ou por dormir pouco, por exemplo, e afetar jovens ou adultos, mas também pode ocorrer devido à alterações neurológicas, como o mal de Alzheimer, principalmente em idosos.

As técnicas para melhorar a memória podem ajudar a estimular e manter o cérebro ativo, no entanto, é recomendado consultar o neurologista para avaliar a causa da falta de memória, especialmente quando é frequente ou acompanhada de outros sintomas, como ter alterações de humor, esquecer palavras ou dificuldade para as atividades do dia a dia, por exemplo. As principais formas para ajudar a melhorar a memória seguem abaixo.

APRENDER SEMPRE ALGO NOVO

Buscar sempre aprender algo novo é estimular o cérebro a fazer novas conexões entre os neurônios e a aprender novas formas de pensar e raciocinar. O ideal é se engajar em uma atividade que você não domina para sair da zona de conforto e trazer novos estímulos para a mente. Iniciar um processo longo como aprender a tocar um instrumento ou a falar uma nova língua é uma boa forma de estimular o cérebro, pois é possível iniciar em níveis mais fáceis que vão

progredindo à medida que o cérebro desenvolve as novas habilidades.

FAZER JOGOS PARA A MEMÓRIA

Jogos como palavras cruzadas ou *sudoku*, por exemplo, são ótimas formas de manter o cérebro ativo e melhorar a memória e a concentração. Alguns estudos mostraram que quinze minutos de jogos para a memória por dia, durante cinco dias da semana, ajudaram a melhorar a memória recente, a concentração e a capacidade de resolver problemas. Além disso, esses jogos ajudaram a reduzir o risco de demência em adultos.

FAZER ANOTAÇÕES

Fazer anotações enquanto se está em uma aula, reunião ou palestra aumenta a capacidade de nossa memória por ajudar a fixar a informação na mente.

RELEMBRAR

Relembrar é uma das ferramentas mais importantes para estimular a memória, pois ativa a capacidade de ensinar a si mesmo algo novo e de estar sempre em contato com a nova informação. Ouvir algo, escrever e reler automaticamente enquanto escreve aumenta o número de vezes que o cérebro recebe aquela informação, facilitando a aprendizagem e fixação.

RELER A INFORMAÇÃO COM FREQUÊNCIA

Para aprender algo novo mais facilmente é necessário reler a informação com frequência ou treinar novamente, no caso de habilidades físicas ou manuais, como aprender a tocar um instrumento, desenhar ou pintar. Isso acontece porque estudar

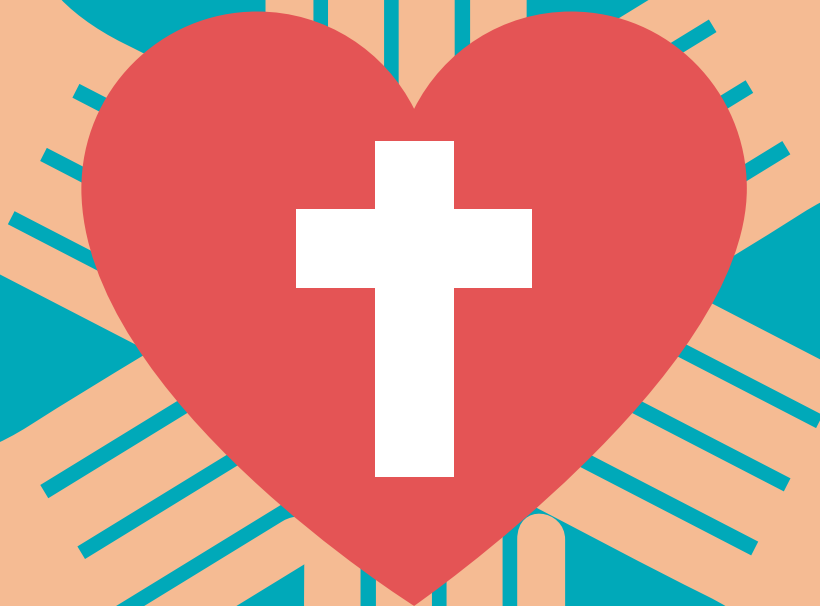
um tema novo apenas na véspera da prova ou acessar informações apenas uma vez faz com que o cérebro logo interprete a informação como irrelevante, descartando-a rapidamente da memória a longo prazo. Isso desestimula a memória e diminui a capacidade de aprendizagem, pois tudo que é novo entra e sai rapidamente do cérebro.

FAZER EXERCÍCIOS FÍSICOS

Fazer exercícios físicos com frequência, especialmente atividades aeróbicas como caminhar, nadar ou correr, aumenta a oxigenação do cérebro e previne doenças que afetam a saúde do sistema nervoso, como diabetes e pressão alta. Além disso, os exercícios físicos diminuem o estresse e aumentam a produção de fatores de crescimento que estimulam a produção de novas conexões entre os neurônios, fazendo o acesso à memória ser mais rápido e fácil. Os exercícios físicos também ajudam a manter o peso adequado, pois a obesidade ou o sobrepeso podem causar resistência à insulina e inflamação no corpo, o que pode prejudicar a memória.

DORMIR BEM

A maior parte dos adultos precisa de pelo menos sete a nove horas de sono para descansar adequadamente e recuperar todas as funções do sistema nervoso. Dormir pouco provoca diminuição da memória, da criatividade, da capacidade crítica e da habilidade de solucionar problemas. É durante as fases mais profundas do sono que substâncias tóxicas são eliminadas do cérebro e que a memória de longo prazo é fixada e consolidada, o que faz com que pequenos cochilos ou sonos interrompidos com frequência sejam prejudiciais para ter uma boa memória. ●



MAIS DO QUE VOLUNTÁRIOS. VOCACIONADOS!

♦ Pe. Thales Maciel Pereira* ♦

É comum que a linguagem religiosa assuma elementos do seu meio cultural para expressar algumas compreensões próprias da fé, da moral e dos costumes. Basta considerar a história dos dogmas para verificar como conceitos específicos do ambiente pagão, como a filosofia grega, foram considerados adequados para expressar em linguagem extrabíblica aquilo que era o conteúdo próprio das verdades bíblicas.

Para exemplificar, pode-se lançar mão da definição nicena que afirma ser Jesus da mesma natureza (substância) que o Pai para entender como o conceito grego *homoousious* foi considerado adequado para expressar a relação íntima e filial que há entre Jesus Cristo e Deus, a quem Ele chamava *Abbá, Pai*.

No entanto, havemos de convir: a linguagem extrarreligiosa não pode ser assumida no âmbito cristão sem uma apreciação crítica. Os conceitos arcaicos sobre a divindade foram amplamente criticados pelo pensamento cristão antigo por meio dos padres da Igreja.

A linguagem secular hodierna possui um vocábulo bastante

conhecido. Trata-se da palavra “voluntariado”. Muitos se voluntariam para uma série de trabalhos dignos de nota: assistência a pessoas vulneráveis, auxílio em organizações não governamentais, associações de bairro etc. A noção de voluntariado indica que aquele trabalho nasceu da *vontade* da pessoa.

Essa linguagem, não raras vezes, tem sido transposta para o ambiente religioso de nossas comunidades cristãs. Muitos cristãos têm dito: “eu sou voluntário aqui!”, “faço isso por voluntariado!”.

Conquanto, por questões de segurança jurídica, seja importante a assinatura de termos de voluntariado, os leigos atuantes em nossas igrejas não estão ali por mera questão de “voluntariado”, seria empobrecer demais a dimensão teológica do laicato.



**Todos os batizados
estão na igreja não
como voluntários,
mas como
vocacionados**



São Paulo afirmou a respeito de seu próprio ministério: “Paulo, apóstolo de Jesus Cristo por vocação” (1Cor 1,1). Veja: Paulo não afirma ser apóstolo por voluntariado, mas pela graça do chamado divino. Assim também ocorre com todo e cada cristão: o ponto de partida da vida cristã nunca é a vontade humana, mas o dom do alto, o chamado divino. A graça de Cristo nos precede sempre.

O Papa Francisco gosta de utilizar o verbo “primeirar” para indicar o fato de que o amor e a escolha de Deus se antecipam a nós. De nossa parte, cabe uma atitude de resposta positiva, de prontidão para o serviço a Deus e aos irmãos. Sendo assim, nunca nos compreendamos como meros voluntários na Igreja. Isso seria pouco e rasteiro demais. Somos bem mais que voluntários: somos vocacionados! ●

***Pe. Thales Maciel Pereira** é doutorando em Teologia Sistemático-pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e mestre em Teologia pela mesma universidade. Cursa especialização em Filosofia Antiga. É professor de Teologia nas faculdades Dehoniana, em São Paulo (SP), e Canção Nova, em Cachoeira Paulista (SP).



Imagem: Reprodução/WEB

SANDUÍCHE DE PERNIL COM ABACAXI

INGREDIENTES

6 fatias de abacaxi
1 fio de azeite
½ cebola
200 g de pernil desfiado
1 colher (sopa) de molho de soja (*shoyu*)
2 unidades de pão *ciabatta*
100 g de queijo muçarela

MODO DE PREPARO

Em uma frigideira, adicione as fatias de abacaxi e doure dos dois lados. Reserve. Na mesma frigideira, adicione um fio de azeite, a cebola cortada em tiras, o pernil e o molho de soja. Refogue por 5 minutos. Corte o pão *ciabatta* no meio e adicione as fatias de abacaxi, em seguida o pernil e o queijo muçarela. Leve ao forno a 200 °C por 5 minutos até que o queijo derreta. Sirva.

Valor calórico: 190 kcal.

BALA BAIANA NA TRAVESSA

INGREDIENTES

Recheio

395 g de leite condensado
200 ml de creme de leite
150 g de coco ralado

Calda

2 xícaras de água
1½ xícara de açúcar
3 colheres (sopa) de vinagre

MODO DE PREPARO

Continua confuso essa receita. Sugiro: Em uma panela, coloque o leite condensado, o creme de leite e o coco ralado. Mexa até ficar em ponto de brigadeiro. Em uma travessa, coloque o brigadeiro de coco e leve para gelar por 30 minutos. Em uma panela, adicione a água, o açúcar e o vinagre. Deixe virar um caramelo claro. Adicione sobre o brigadeiro, leve pra geladeira por 1 hora e sirva.

Valor calórico: 158,87 kcal.



Imagem: Reprodução/WEB

**LANÇA
MENTO**

**A CATEQUESE
A PARTIR
DA FAMÍLIA.
UMA REALIDADE
QUE DEVE
SE PERPETUAR!**

Jeclandro Pessoa

**COMO
PENSAR A
CATEQUESE
A PARTIR DA
FAMÍLIA**

Esse livro especial busca renovar a perspectiva da catequese para cumprir e fortalecer a evangelização, a fim de que cada lar seja Igreja doméstica, templo vivo do Senhor.

ACESSE

avemaria.com.br

e adquira essa poderosa obra de evangelização!

SIGA NOSSAS
REDES SOCIAIS

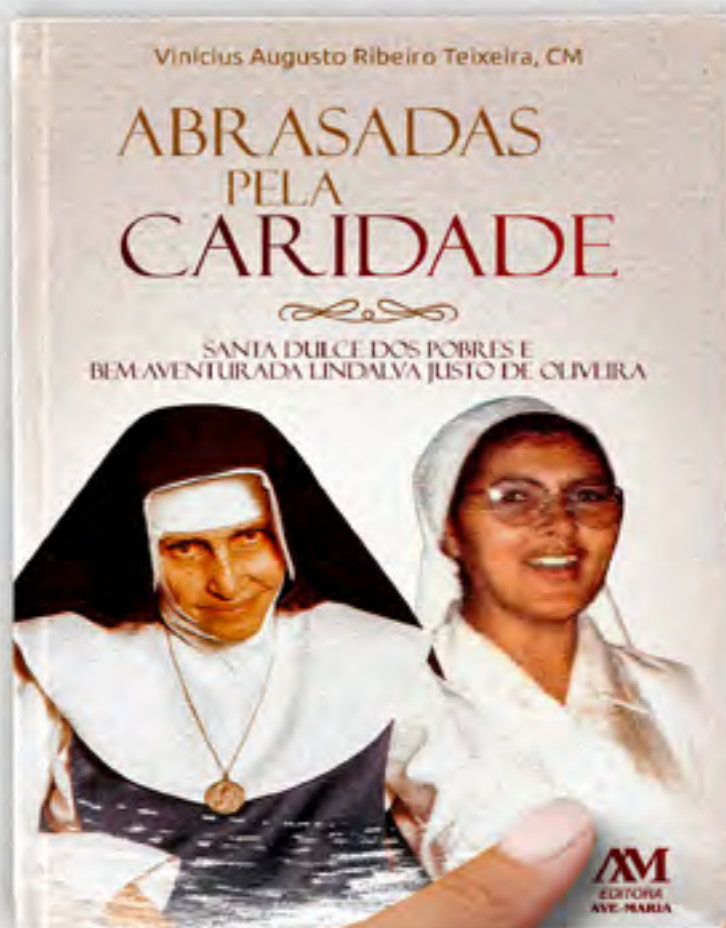


AM
EDITORA
AVE-MARIA

LANÇAMENTO

UM LEGADO DE AMOR E DE CARIDADE QUE NOS LEVA AO ENCONTRO DE CRISTO.

Em um tempo tão carente de gestos de humanidade, **Santa Dulce** e a **Bem-aventurada Lindalva** encorajam nossos passos vacilantes e nos apontam o caminho para o coração dos nossos irmãos e o de Jesus.



TRAJETÓRIAS
MARCADAS PELA
FÉ EM CRISTO
E ANIMADAS
POR UMA VIDA
INTENSA DE
ORAÇÃO.

Acesse nosso site
avemaria.com.br
e adquira o seu!

SIGA NOSSAS
REDES SOCIAIS



AM
EDITORA
AVE-MARIA